ECONÓMICC

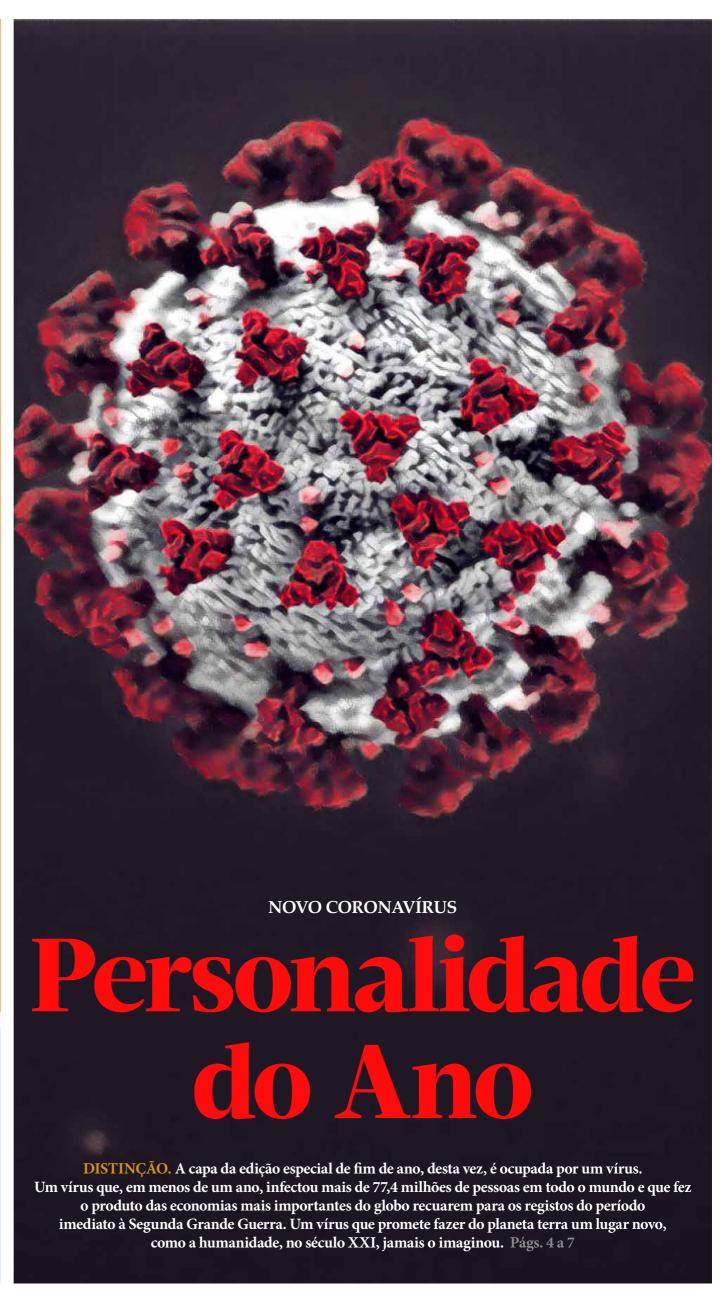
21 de Dezembro 2020 Segunda-feira Semanário - Ano 5 N° 240 Director-Geral Evaristo Mulaza



CAETANO CAPITÃO

"As políticas têm estado a gerar instabilidade"

Págs. 14 e 15



2 | Valor Económico

Editorial

O FACTO DO SÉCULO

ais uma vez, e pelo segundo ano consecutivo, a redacção do VALOR

escolhe um facto, como o mais relevante, para a capa da sua edição especial de fim de ano. Seria, aliás, a escolha indiscutível para qualquer um que elegesse a 'Personalidade do Ano' com base no método e nos critérios do VALOR, como esclarecidos na nota abaixo.

A covid-19 não vai marcar um ano nem uma década, vai marcar um século. Sob todos os pontos de vista, vai marcar, em rigor, o resto da história da humanidade. Salvaguardas as diferenças de contextos e outras ou qualquer eventual surpresa desagradável futura, como o admite o magnata Bill Gates, a covid-19 está para o século XXI como a gripe espanhola está para o século XX. Uma pandemia que, não sendo tão letal quanto à do início do século passado, é aparentemente tão infecciosa quanto à outra: mais de 77,4 milhões de casos confirmados em quase toda a terra habitada, em menos de um ano, 16,7 mil dos quais em Angola. Não é para menos que

o grosso das economias mundiais, incluindo as mais consolidadas, tenha registado recuos do produto só comparáveis aos verificados no período imediato à Segunda Grande Guerra, atingindo os dois dígitos. É o caso da Alemanha que assinalou uma queda histórica de 11,7% do produto no segundo trimestre do ano.

Neste quesito em particular, Angola não escaparia à regra e informações nunca confirmadas pelas autoridades chegaram a indicar que o produto do país teria recuado mais de 20% no segundo trimestre. Os números oficiais ficaram-se pelos 8,8%, ainda assim, suficientemente desastrosos para uma economia



que já se arrasta de recessão em recessão há pelos menos quatro anos consecutivos.

NOTA

O VALOR estreou-se, em 2016, com a publicação da 'Personalidade do Ano'. Trata-se de uma edição especial de periodicidade anual em que é identificada uma pessoa, um grupo, uma instituição, uma ideia, um evento, um facto ou uma invenção que mais se tenha destacado ao longo do ano, em Angola. À semelhança dos exemplos dos media internacionais, a 'Personalidade do Ano' não representa necessariamente uma distinção de mérito ou de qualidade, por feitos positivos. Através de critérios marcadamente objectivos, a ideia é apontar o indivíduo ou facto (como identificado acima) que, por razões diversas e que podem ser de cariz negativo, tenha marcado de forma diferenciada o ano. Os critérios são flexíveis e são ajustados, conforme o jornal o entender justificável. Entretanto, a repercussão e a relevância política, económica e social, além da exposição mediática, é permanente. Depois de Isabel dos Santos em 2016; João Lourenço em 2017 e 2018, e o IVA em 2019, desta vez é o novo coronavírus.



FICHA TÉCNICA

Director-Geral: Evaristo Mulaza **Directora-Geral Adjunta:** Geralda Embaló

Editor Executivo: César Silveira **Redacção:** Edno Pimentel, Emídio Fernando, Isabel Dinis,

Guilherme Francisco, Júlio Gomes e Suely de Melo Fotografia: Mário Mujetes (Editor) e Santos Samuesseca

Secretária de redacção: Rosa Ngola **Paginação**: Edvandro Malungo e João Vumbi

Revisores: Edno Pimentel, Evaristo Mulaza e Geralda Embaló Colaboradores: Cândido Mendes, EY e Mário Paiva Propriedade e Distribuição: GEM Angola Global Media, Lda

Propriedade e Distribuição: GEM Angola Global Media, l Tiragem: 00 N° de Registo do MCS: 765/B/15 GEM ANGOLA GLOBAL MEDIA, LDA Administração:

Geralda Embaló e Evaristo Mulaza

Assistente da Administração: Geovana Fernandes Departamento Administrativo: Jessy Ferrão e Nelson Manuel **Departamento Comercial:** Geovana Fernandes

Tel.: +244941784790-(1)-(2) **N° de Contribuinte:** 5401180721

 N° de registo estatístico: 92/82 de 18/10/82

Endereço: Avenida Hoji-Ya-Henda, 127, Marçal, Luanda-Angola;

222 320511 Fax: 222 320514 **E-mail**: administracao@gem.co.ao; comercial@gem.co.ao

A semana

PERGUNTAS A...



MILTON CHIVELA,
DIRECTOR NACIONAL DO INAGBE

Na semana passada foi citado a dar conta da suspensão do pagamento dos subsídios de bolsa sobretudo, de estudantes que receiam frequentar as aulas devido à pandemia da covid-19. No entanto, o Inagbe deu conta que a informação é falsa. Houve um recuo? Não é um recuo. Espelhámos que o Inagbe iria suspender o complemento de bolsas aos estudantes bolseiros que não estão em formação durante o presente ano académico, ou seja, é uma condição 'sine qua non' para que o estudante de bolsa deve estar em formação.

E qual foi o procedimento dos estudantes?

Temos conhecimento de que muitos bolseiros, por causa da situação da pandemia, optaram por não frequentar este ano e, consequentemente, estes estudantes não vão receber o complemento de bolsa. Era esta informação que passámos.

São muitos estudantes nessa condição?

Sim. Actualmente, o Inagbe está a fazer o processo de renovação de bolsas. Normalmente, fazemos este processo com os estudantes, mas, devido a essa situação, tivemos de fazer este processo com as instituições de ensino superior, que, por sua vez, remeteram os documentos dos estudantes que confirmaram as matrículas neste ano e aqueles que não confirmaram. Daí que quem não confirmou não irá mesmo receber o complemento de bolsa.

O governador do Banco Nacional de Angola (BNA), José de Lima Massano, informa que os bancos com activos insuficientes para pagar passivos não vão poder avançar voluntariamente para a dissolução.

O grupo parlamentar da Unita, maior partido na oposição, explica que votou contra o Orçamento Geral do Estado (OGE) para 2021, por várias insuficiências técnicas, omissões, entre outras questões, que o documento apresenta.



SEGUNDA-FEIRA A Assembleia Nacional recomenda ao Governo que lhe sejam disponibilizadas verbas para o pagamento das dívidas de assistência médica e medicamentosa, manutenção dos edifícios e viaturas. O aviso consta do projecto de resolução que aprova as recomendações do Parlamento ao OGE de 2021.

JINTA-FEIRA

O Presidente da República encoraja parcerias empresariais privadas para a produção de bens de consumo para as forças de defesa e segurança para que, dessa forma, se possam aliviar os cofres do Estado.



O Governo propõe o desagravamento do Imposto Especial de Consumo (IEC), para o sector das bebidas, que prevê passar de 25% para 8% para os refrigerantes e 11% para as cervejas e sidras.



O Presidente angolano e líder do partido no poder, João Lourenço, afirma que o país tem "uma melhor apreciação da gravidade" da corrupção e que o MPLA "não tem de quê se envergonhar" na luta contra este problema.



O CEO da plataforma ONDE, desenvolvida para resolver o problema da localização geográfica em Angola, Domingos Fernando, anuncia o lançamento de um novo serviço que fornecerá informações sobre o estado das caixas de pagamento electrónico (ATM).



COTAÇÃO



PETRÓLEO NÃO RESISTE À NOVA VARIANTE DO CORO-NAVÍRUS...

O petróleo começou a semana a cair mais de 4%, fruto da insegurança e temor causado pela nova variante do coronavírus. O brent, referência às exportações angolanas, registou perdas de 2,51%, ao negociar 50,95 dólares. Já o WTI consentiu perdas de 2,54%, negociando nos 47,99 dólares.

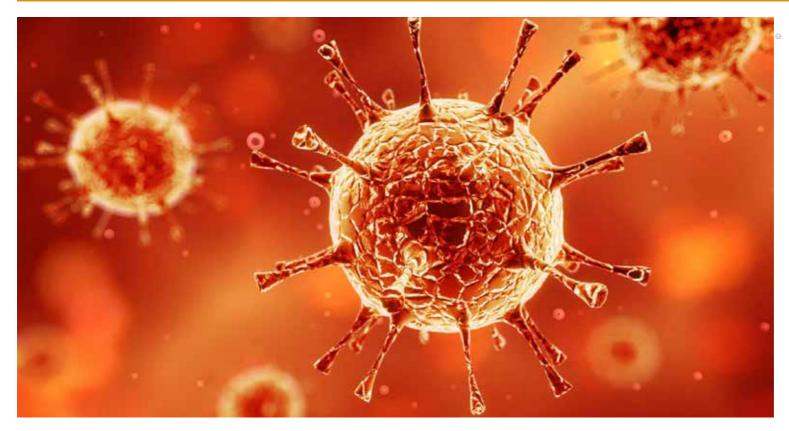
	114389	1001	10	118	561	198	-910	100
KY	95.37	-181	2492/T	2514/T	2528/T	253A/T	2541/T	2553/T
40 TP	7865.20	-51.50	TKY	TKY	TIKY	TKY	TKY	TKY
	142.30	138.89	2312	1851	1067	1929	27112	1721
	1991	-9.67	- 09	-13	-32	-98	機	-34
Y	37280	7189	4519IT	4542/T	4598/T	4602/T	4630/T	4898/T
L7 TP	897.56	892.16	NY	NY	MY	NY	W	NY
	351.79	326.51	1891	2019	1678	1254	1008	5761
	2342	20.14	-25	-42	116	-54	-12	-34
	8125	29.45	1634/1	1885/1	1887/T	1899/T	TWENT	19 7
100	97 4	R02 88	UK		UK		- K	- OH
		2103	10879	40	179	27		1 15
		* 00.40						
2.0	-	855.96			15/89			28
4	40	1000 2			100	Y		

ACÇÕES EUROPEIAS EM QUEDA...

No mesmo sentido, as bolsas europeias não resistiram ao impacto da nova variante do coronavírus, tendo registado a pior liquidação dos últimos dois meses. O índice FTSEurofirst 300 caiu 2,38% para 1.492 pontos, enquanto o pan-europeu STOXX 600 teve perdas de 2,33% para a 387 pontos. O Financial Times recuou 1,73%, ao passo queo DAX caiu 2,82%, a 13.246,30 pontos.

4 | Valor Económico

Personalidade do Ano

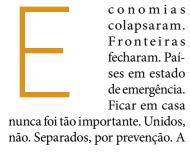


COVID-19

A pandemia que virou o mundo ao contrário

FACTO DO ANO. Pandemia da covid-19 virou o mundo. Tudo foi drasticamente alterado e a incerteza sobre o 'inimigo comum número 1' ditou muitas decisões. Quase todo o mundo ficou fechado e até os relacionamentos pessoais foram alterados. Ano fechou com um sinal de esperança: a vacina vem aí.

Por Isabel Dinis



culpa é da pandemia da covid-19. O ano de 2020 foi diferente em todos os sentidos, até pelas palavras mais usadas: infecção, confinamento, óbitos.

Foram 76.830.147 infectados e 1.693.447 óbitos (até 21 de Dezembro, às 13, hora de Angola). Mesmo com estes números, há quem tenha subestimado o vírus ao ponto de acreditar que não passava de uma "gripezinha". Foram os casos,

mais mediáticos, dos presidentes do Brasil, Jair Bolsonaro, e dos EUA, Donald Trump. Mas a 'gripezinha' soma e segue nos estragos pelos países.

O primeiro caso da infecção pelo novo coronavírus foi detectado a 17 de Novembro do ano passado, na China. O primeiro infectado, segundo as autoridades chinesas, teria sido um homem de 55 anos da província de Hubei.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) fez a primeira comunicação pública, via twitter, a 4 de Janeiro. Na altura, já 59 pessoas estavam infectadas. Cinco dias depois, a OMS anunciava que as autoridades chinesas haviam concluído que a doença era transmitida por uma nova espécie de coronavírus (a primeira vez que se deu pelo vírus foi na década de 1960). Já em Janeiro, todos os países receberam um dos-

sier com informações sobre o novo surto, com as recomendações para se tomar medidas.

A primeira morte, vítima do coronavírus, foi de um homem de 61 anos na cidade de Wuhan, China. Nesta semana, começaram a ser lançados avisos dos perigos da doença ainda completamente desconhecida pelos especialistas. As autoridades chinesas começaram a impor restrições a quem tivesse passado ou morasse em Wuhan.

No final de Janeiro, mais de 100 pessoas tinham perdido a vida para a covid-19, que ainda não tinha sido declarada pandemia, nem sequer fora baptizada com o nome que iria marcar todo o ano. No entanto, 17 países já tinham relatado casos da doença. Os EUA proibiram viagens à China.

Só no final de Janeiro é que a OMS decretou emergência global por causa do vírus, mas ainda a declarava uma epidemia. Começavam assim também as restrições. Hubei obrigou os habitantes a usarem máscaras na via pública e outras restrições e o mundo, tal o qual o conhecemos, começou a receber alertas de que vinha daí uma doença perigosa.

Em Fevereiro, o foco do vírus ainda continuava na China. O país chegou a ultrapassar o patamar dos mil mortos provocados pelo novo coronavírus que, entretanto, já tinha saltado fronteiras.

O primeiro morto, fora da China, foi registado nas Filipinas. A partir daí, o mundo comecou a tomar medidas. A 11 de Março, a OMS considerou o novo coronavírus uma pandemia e deu-lhe um outro nome: covid-19. A informação foi avançada pelo director-geral, Tedros Adhanom Ghebreyesus, em conferência de imprensa. Nesta altura, já estavam confirmados 118 mil casos e o vírus alastrava-se a 114 países e com o registo de 4.291 mortes. Desde esta altura, os países começaram a traçar planos de confinamento e restrições de circulação. E tudo para travar aquele que foi apelidado pelo mundo 'inimigo comum número 1'.

As Nações Unidas lançaram um apelo que acabou por ser, em grande parte, respeitado: o fim das guerras e de invasões militares.

ANGOLA E O VÍRUS

Os primeiros casos de covid-19 em Angola foram anunciados a 21 de Março. Dois cidadãos foram diagnosticados com o vírus, infectados em Portugal. No léxico, entravam

A CAMPANHA de vacinação contra a covid-19 em Angola, cujo arranque está previsto para Fevereiro de 2021, vai ser realizada em três etapas, com prioridade para as pessoas com mais de 40 anos, anunciou nesta segunda-feira, a ministra da Saúde, Sílvia Lutucuta.

as expressões "casos importados" e, mais tarde, "contaminação local". Nos primeiros meses da pandemia, os casos concentraram-se especificamente em Luanda, sem haver qualquer registo fora da capital. Mas também escasseavam os testes.

Estes dois primeiros casos foram confirmados depois de algumas especulações pelas redes sociais. A 26 de Março, e já com apenas três casos, o Governo não cruzou os braços e anunciou uma série de medidas para conter a propagação do vírus. Foi decretado, pela primeira vez, o Estado de Emergência. Todos os voos foram suspensos por 15 dias. O país fechou as fronteiras. As aulas, tanto nas escolas como nas universidades, foram suspensas. Passou a haver limitação de circulação nas estradas. Mais de metade dos trabalhadores foi mandada para casa e os funcionários públicos passaram a trabalhar apenas metade do tempo e, ainda assim, nem todos.

Foi criada também uma comissão multissectorial de combate à doença chefiada pelo ministro de Estado e chefe de Segurança da Presidência da República, Pedro Sebastião, retirando essa competência à ministra da Saúde, Sílvia Lutucuta. Choveram críticas. Na óptica da opinião pública, devia ser uma entidade ligada à saúde e não um general. Mas Pedro Sebastião levou adiante a missão.

Desde o início da pandemia, foi declarado, por três vezes, o Estado de Emergência. Assim como nos demais países, todos os dias, as autoridades passaram a 'invadir' à noite a televisão para actualizar os dados sobre a doença. A ministra da Saúde e o secretário de Estado para a Saúde Pública, Franco Mufinda, tornaram-se figuras ligadas às boas e más notícias.

Para ajudar Angola no combate ao vírus, mais de 200 médicos cubanos foram contratados para entrar na linha da frente, com salários acima de cinco mil dólares mensais. O que provocou mais agitação na classe médica.

ESTADO DE CALAMIDADE COM ABERTURAS E RECUOS

Com 69 casos positivos registados, dos quais quatro resultaram em mortes, o Governo decidiu aliviar as medidas e passou do Estado de Emergência para o de Calamidade Pública.

A mudança significou uma maior liberdade. Nesta altura, Portugal também anunciou o Estado de Calamidade. Os angolanos não ficaram indiferentes às coincidências e acusaram o Governo de ser "maria-vai-com-as-outras", no caso de imitar as medidas em Portugal. Foram mantidas algumas restrições no funcionamento dos serviços públicos e privados, bem como a continuidade da cerca sanitária em Luanda que estava prevista ser levantada em Junho. Mas os casos foram aumentando e Luanda, a mais fustigada pelo vírus, nunca se abriu para as demais províncias.

Desde 25 de Maio, altura em que Angola saiu do Estado de Emergência que o país continua no Estado de Calamidade. O Governo, durante estes últimos seis meses, recuou e avançou nas medidas. Uma delas foi o de uso obrigatório de máscara, incluindo pelos condutores de automóveis, mesmo viajando sozinhos. Por causa disso, um médico, Sílvio Dala, morreu em plena esquadra, detido por não usar máscara.

PAÍS CHOROU LUTHER RESCOVA

A covid-19 vitimou mortalmente muita gente e, entre elas, muitas figuras públicas no mundo, das artes à política, da literatura ao desporto. Em Angola, não foi diferente. Uma das mortes foi a do governador do Uíge, Sérgio Luther Rescova. Ex-líder da JMPLA e ex-governador de Luanda, Sérgio Rescova morreu numa unidade hospitalar na capital a 9 de Outubro. Os angolanos choraram a morte do jovem político. Rescova foi secretário nacio-

nal da JMPLA, antes de assumir a liderança do Governo Provincial de Luanda, em Janeiro de 2019. Em Maio deste ano, foi nomeado governador do Uíge.

Antes de chegar ao Governo, foi deputado e, na Assembleia Nacional, esteve inserido na Comissão dos Assuntos Constitucionais e Jurídicos. Era membro do Conselho da República e do Comité Central do MPLA. Formado em Direito pela Universidade Católica, passou, na mesma universidade, a docente de Ciência Política e Direito Constitucional.

TELETRABALHO VEIO PARA FICAR

Desde que foi decretado o Estado de Emergência, as empresas em Angola e no mundo tiveram de se adaptar. O teletrabalho foi a escolha obrigatória. Em bancos, multinacionais, escolas, prestadoras de serviços e até nas telecomunicações, o teletrabalho entrou na rotina diária e há quem garanta

MEMORIZE

• A 11 de Março, a OMS considerou o novo coronavírus uma pandemia e deu-lhe um outro nome: o acrónimo covid-19, em que 'Co' significa corona; 'Vi', vírus, 'D', 'disease' (doença, em inglês) e o número 19 determina o ano em que foi detectado.



que veio para ficar. O Facebook e a Google anunciaram manter--se em teletrabalho até 2021 por causa da pandemia. Por Angola, o Banco Nacional de Angola, por exemplo, durante o Estado Emergência, manteve apenas 25% dos trabalhadores de forma efectiva e o restante em teletrabalho. No Estado de Calamidade, o número de efectivos aumentou para 35%. A crise trouxe melhorias significativas do ponto de vista tecnológico em função do teletrabalho, segundo a administradora do Capital Humano, Beatriz dos Santos. A Endiama manteve a produção e a totalidade da força graças ao teletrabalho, revelou o presidente do conselho de administração da empresa, Ganga Júnior.

Pelo mundo, a plataforma Zoom cresceu, nas bolsas, mais de 600% em apenas três meses, de Março a Maio.

LÍDERES MUNDIAIS NÃO ESCAPARAM AO VÍRUS

Alguns líderes mundiais não escaparam de serem infectados pelo vírus da covid-19. O presidente dos EUA, Donald Trump, e o primeiro-ministro do Reino Unido, Boris Johnson, fazem parte da lista de líderes mundiais que não escaparam ao vírus da Covid-19. Este último esteve duas semanas afastado do governo para tratar a infecção do novo coronavírus, com complicações que o obrigaram a um internamento, por alguns dias, nos cuidados intensivos. Também o presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, teria sido infectado. Pelo menos, foi a narrativa que passou para a comunicação social, mas nunca mostrou o teste.

Donald Trump e Jair Bolsonaro foram os líderes mundiais que mais desvalorizaram a gravidade do vírus. No entanto, os países que lideram são aqueles que mais têm sido fustigados pelo vírus. Bolsonaro chegou a comparar a covid-19 com uma "gripezinha". Trump sugeriu injectar lixívia nas veias das pessoas já que a lixívia elimina o vírus das superfícies. Mas depois arrependeu-se e afirmou ser "uma mera brincadeira".

Os dois políticos de direita têm sido aconselhados e corrigidos em público muitas vezes pelas próprias autoridades de saúde, tanto locais, como internacionais. As polémicas obrigaram os dois presidentes a mexer nas estruturas governativas e Donald Trump anunciou a intenção de suspender os pagamentos à OMS.

200

Médicos cubanos foram contratados para entrar na linha da frente

2

Primeiros casos registados em Angola a 21 de Março



Anos, Idade da primeira vítima mortal a nível mundial

3

Vezes em que foram declrados estado de emergência

Continuação na página 6

6 | Valor Económico

Lunda-Norte

Lunda-Sul

41

Moxico

120

Kuando-Kubango

68

40

Situação epidemiológica

Personalidade do Ano

Cabinda

83

Zaire

199

Obs: Dados até 17 de Dezembro

Recuperados 10

Óbitos 2

Uíge

106

Huambo

167

123

118

34

30

Kwanza-Su

275

Benguela

Namibe

158

418

Huíla

263

Continuação da página 5

Testaram também positivo o primeiro-ministro russo, Mikhail Mishustin, o presidente francês, Emmanuel Macron, o chefe de governo do Canadá, Justin Trudeau, e o chefe de Estado do principado do Mónaco, Alberto II, Este foi o primeiro líder mundial a confirmar estar contaminado. Cumpriu uma rigorosa quarentena e superou a doença. Carlos, príncipe de Inglaterra, também não escapou ao vírus.

PRINCÍPIO DO FIM?

O Reino Unido fez histó-Luanda ria ao ser o primeiro país 7.012 a dar início a uma campanha de vacinação contra a covid-19. A campanha começou a 8 de Dezembro e uma mulher de 90 anos, da Irlanda do Norte, foi a primeira a receber a vacina da Pfizer/BioNTech fora de um ensaio clínico. Margareth Keenan, citada pela BBC, declarou sentir-se "muito privilegiada" por ser a primeira pessoa a receber o medicamento no hospital universitário em Coventry.

Para as autoridades do Reino Unido, o 8 de Dezembro vai ser um dia histórico. O ministro da saúde, Matt Hancock, referiu-se à data como o Dia Dia V", que é uma referência ao Dia da Vitória da II Guerra Mundial. Até ao Natal, deverão ser vacinadas mais de quatro milhões de pessoas.

O Reino Unido é o país europeu mais afectado pela crise pandémica com mais de 61 mil mortos e mais de 1,7 milhões infectados.

PAÍSES RICOS COMPRARAM 80% DAS VACINAS

Os países mais industrializados já compraram ou encomendaram mais de 80% das vacinas de combate ao coronavírus que vão estar disponíveis até ao próximo ano. Mas foram os que mais investiram na produção

da vacina. Nunca a História registou gastos tão avultados na procura da cura para uma doença. Até finais de Novembro, foram investidos cerca de 2.800 mil milhões de dólares

O alerta foi lançado pela presidente do Conselho de Economia da Saúde para Todos da Organização Mundial da Saúde (OMS), num artigo de opinião publicado recentemente no VALOR ECONÓMICO. Mariana Mazzucato defende que, mesmo contra os interesses de alguns governos e de laboratórios, a vacina deve ser "distribuída de forma justa

e disponibilizada gratuitamente a todos os que dela necessitem". Uma tarefa, no entanto, que poderá ser difícil de concretizar, já que, alerta a economista, "os países de rendimento elevado já pré-encomendaram doses suficientes para distribuir várias vezes pelas suas populações, deixando o resto do mundo possivelmente numa situação de escassez que nem permitirá cobrir as comunidades em maior risco". Apesar

Recuperados 437

Activos 659

Mortes **52**

Casos **2.654**Recuperados **1.771**

Activos **1.455**

Mortes **106**

Agosto

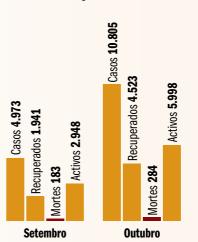
de todo este investimento público, Mariana Mazzucato dúvida que tenha sido feito com a transparência que os próprios valores exigem. Por isso, defende que a covid-19 é um "teste perfeito" para saber se vai haver "uma abordagem mais centrada na saúde pública".

Com 4 855 cases

Luanda, a

afectada

cidade mais



Óbitos por sexo



Óbitos por faixa etária

U-9	2
	<u>F</u>
	14
	31
40-49	48
	75
	116
	91
F • • • • • • • • • • • • • • • • •	

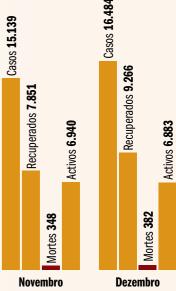


ASOS TOTAIS

16.484

Recuperados: 9.266 Activos: 6.836 Óbitos: 382

Quarentena institucional: 300 Contactos sob vigilância: 4.252

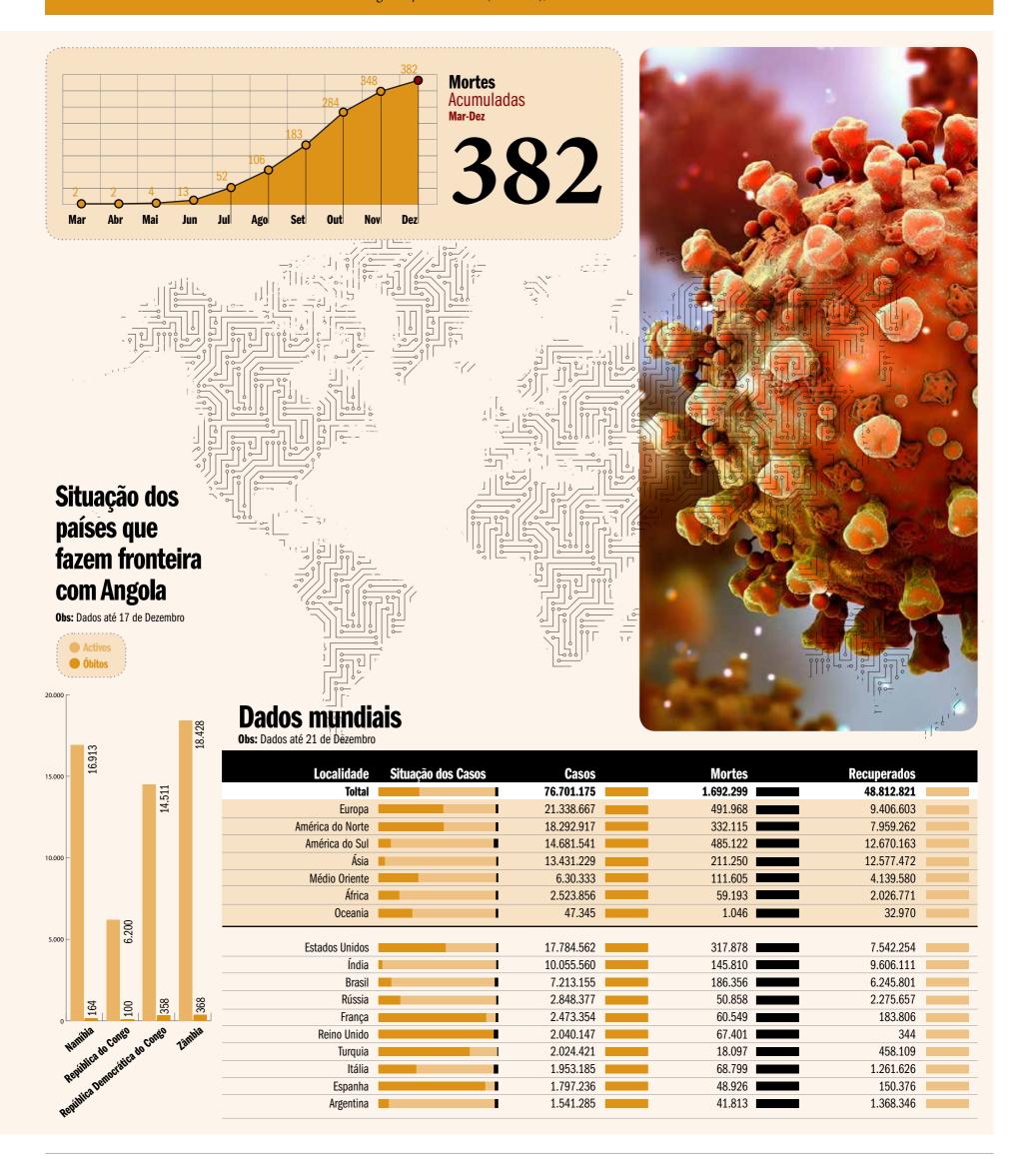


Situação em Angola





O MINISTRO DE ESTADO e chefe da Casa Civil do Presidente da República, Adão de Almeida, empossou, nesta segunda-feira, os membros de direcção da Autoridade Nacional de Inspecção Económica e Segurança Alimentar (ANIESA), recém-nomeados.



8 | Valor Económico

Retrospectiva

Em 50 semanas Um ano de Valor Económico

BALANÇO. Presente edição é a 50ª e a última de 2020 e o VALOR faz uma retrospectiva dos destaques, que marcaram um ano condicionado por uma pandemia que mudou o mundo. Passaram por aqui os escândalos da corrupção que envolvem a Sonangol, a dificuldade de Angola em cumprir o acordo da Opep+, o 'conflito' entre Angola e a OMC, as entrevistas aos protagonistas da economia e da política, as dificuldades das empresas e do BNA, os julgamentos polémicos, as dívidas de Angola, entre outros.













Na primeira edição do ano, o destaque foi para a perspectiva do que seria 2020 com especialistas a concluírem que a dívida, câmbio e a justiça se destacariam entre os principais desafios do Governo. Outro grande tema foi a até então pretensão

da Sonangol de reforçar a sua posição na Unitel, com a aquisição dos 25% que pertenciam à brasileira Oi. Analistas questionaram a intenção da Sonangol de passar a ter 50%, quando os 25% que detinha da empresa de telecomunicação constavam dos activos a privatizar.

Ainda em Janeiro, no caso na segunda edição do ano, foi destaque a confiança do CEO do BFA, Jorge Albuquerque Ferreira, em relação às recomendações do Banco Nacional de Angola no âmbito da Avaliação de Qualidade dos Activos. O gestor considerou ao VALOR "irrelevantes as recomendações", tendo assegurado que o BFA estava "dentro das exigências do regulador, dado que nenhuma das recomendações é de cariz prioritário". Nesta mesma edição, também foi destaque uma entrevista com o antigo líder da bancada parlamentar do PRS, Sapalo António, que considerou "selváticas" as medidas do Governo que resultaram no "aumento e diversificação" dos impostos.

A oficialização do aumento de capital da Sonangol na Unitel é destaque na edição 193, sobretudo por a petrolífera ter reforçado a sua posição na empresa de telecomunicações recorrendo, entretanto, a um procedimento que já havia sido anulado pelo Tribunal de Luanda, depois de a própria Sonangol se ter queixado da violação do Acordo Parassocial

pela PT, quando a empresa portuguesa passou a sua participação à brasileira Oi. Na mesma edição, o VALOR foca o debate sobre o risco da perda da 'angolanidade' dos activos controlados por Isabel dos Santos em Portugal, depois de a empresária se ver forçada a colocar várias participações à venda na sequência do caso 'Luanda Leaks'.

FEVEREIRO

A entrevista com o empresário e gastrónomo João Gonçalves foi um dos destaques da primeira

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA aprovou um acordo de financiamento "Facility Agreement" de mais de 337,1 milhões de euros com instituições financeiras alemãs para construir hospitais gerais em Viana e em Cacuaco.













edição de Fevereiro, realçando-se a revelação do empresário segundo a qual foi forçado "a vender a Sopol à Gefi por 100 mil USD". Na mesma edição, um exercício de 'futurologia' do embaixador chinês em Angola, Gond Tao, sobre a trocas comerciais entre África e a China, que seriam fortemente comprometidas pela pandemia, como veio a confirmar-se.

Foi um dos destaques em Fevreiro uma entrevista com o deputado da Unita Raul Danda, em que defendeu que "quem está dentro do sistema não tem moral para combater a corrupção". "Metro de Luanda usa modelo da Air Connection" foi outro dos destaques da edição em referência. O modelo do contrato já havia sido recusado, entretanto, por João Lourenço, por altura do anulado consórcio da aviação Air Connection.

"Empresários chineses só regressam com fim do coronavírus" foi um dos destaques da edição 196 a par de uma entrevista com o governador do Moxico, Gonçalves Muandumba que, na ocasião, garantiu que, se lhe dessem 200 milhões de dólares, resolveria o problema das estradas, que aponta como o maior entrave ao crescimento e desenvolvimento da maior província do país.

Inquérito aberto pelo Ministério do Ordenamento do Território e Habitação para apurar a veracidade das denúncias públicas sobre alegadas irregularidades no processo de distribuição das moradias da centralidade do Zango 5, cujo sorteio decorreu em directo na televisão pública, é um dos destaques. Na mesma edição, é publicada a primeira entrevista que a empresária Celeste de Brito concede, depois de sair da prisão na sequência do conhecido caso 'Burla Tailandesa'. Na ocasião, Celeste de Brito defendeu que "Angola não tem dívida com a China conforme dizem".

MARCO

Na edição seguinte, José Junça, em entrevista, defendeu que o "metro de superfície é uma cavalaria muito alta". Por outro lado, a operadora Africell Holding SAL é a seleccionada do concurso para a atribuição do 4º. Título Global Unificado para Prestação de Serviço Público de Comunicações Electrónicas. A companhia foi, no entanto, a única a submeter a candidatura das 12 seleccionadas e convidadas pelo Governo para as sessões de promoção.

Numa única sessão nos mercados internacionais, o petróleo que serve de referência às exportações angolanas quedou abruptamente 30% para os 31 dólares. Os sinais de alerta passaram para o vermelho, depois de o novo preço ter caído 24 dólares abaixo da referência inscrita no Orçamento Geral do Estado de 2020.

Africell ameaça desistir do concurso. A única empresa qualificada para a segunda fase do concurso para a obtenção da licença de quarto operador de telefonia móvel admite desistir do processo, tendo justificado a hipótese com a alegada falta de transparência no processo de alienação dos activos da Angola Telecom. No entanto, o processo continua. Foi também destaque a obrigação dos bancos de alienarem, até ao final do ano, os imóveis adquiridos em reembolso de crédito e que não tenham sido alienados em dois anos, o prazo estabelecido pela Lei de Bases das Instituições Financeiras.

Angola Arrisca-se a taxas de 15%. Na sequência da aprovação pelo Presidente João Lourenço da nova emissão de Eurobonds, especialistas alertaram que Angola se arriscava a taxas de 15% devido à deterioração do risco soberano, face à queda abrupta do preço do petróleo. A emissão, entretanto, foi congelada.

Na edição 202, foi destaque O plano de sobrevivência do Governo face à crise profunda provocada pela covid-19. Foi também a notícia que dava conta que várias agências de viagens haviam falido.

ABRII

Foi destaque a notícia que dava conta que, a qualquer altura, o alvará deixaria de ser uma exigência para o exercício da actividade económica, assim como o registo estatístico no acto de constituição. Por seu turno, José Macedo, presidente da Associação das Indústrias de Lacticínios de Angola, garantiu não ter dúvidas de que os credores internacionais seriam obrigados, no mínimo, a reestruturar a dívida dos países mais pobres devido à pandemia da covid-19. Sobre as soluções imediatas, defendeu que os bancos não devem distribuir dividendos.

O acordo histórico alcançado entre os principais produtores mundiais coloca Angola a ser obrigada a cortar a produção pela primeira vez, desde o estabelecimento do designado OPEP+, em 2016. Nas duas ocasiões anteriores em que os membros do cartel foram obrigados a reduzir a produção, para suster os preços, o país não foi afectado uma vez que já produzia abaixo das quotas que lhe haviam sido determinadas. O tema partilhou a capa com a decisão do Governo de apenas procurar pelas instituições como o FMI, o Banco Mundial e o BAD, caso a revisão do OGE 2020 assim determinasse.

Calculo sobre o corte da produção petrolífera de Angola no âmbito do acordo OPEP+ fixa em cerca de 1,5 mil milhões dólares as perdas financeiras. Por seu turno, o presidente da Associação das Empresas de Publicidade e Marketing, Nuno Fernandes, defende a continuidade de outros serviços, além dos que já estavam permitidos no âmbito das restrições à actividade económica.

Tomando como base a economia portuguesa em que cada mês de confinamento equivale a uma perda de 4,5% do PIB, o director do CEIC, Alves da Rocha, calculou que, no caso angolano, as restrições à actividade económica custariam 4,8 mil milhões de dólares. O economista afirmou também que não concordava com o discurso do Governo de que "já fez tudo o que pôde", para contrariar os efeitos da agravada crise. Foi o destaque da edição, bem como entrevista de Cléber Correia, da Associação dos Profissionais Imobiliários de Angola, que defendeu que "as reservas obrigatórias no BNA deviam financiar a habitação social".

Continuação na página 10

10 Valor Económico

Retrospectiva

Continuação Da página 9

MAIC

Maria João, vice-presidente da Anavi, afirma que "o lobby do comércio prejudica a avicultura nacional", enquanto fonte da Taag avançava que, apesar de toda a incerteza na indústria, provocada pelos efeitos da pandemia da covid-19, a transportadora pública não desarmaria quanto à necessidade de reforço da frota. Na altura, estimou que as duas primeiras aeronaves de origem canadiana do tipo Das8-400s chegariam a Luanda em Julho, depois de falhar a previsão inicial de Março e Abril últimos.

Isabel dos Santos acusa o Ministério Público de ter usado passaporte "grosseiramente falsificado" para pedir arrestos dos seus bens. Entre os vários indícios de falsificação, consta uma assinatura do malogrado e mítico actor chinês Bruce Lee. Por seu turno, a Angorascom garantia que iria mesmo operar em Angola, apesar da pressão da Africell no sentido de o Governo rescindir o contrato entre esta empresa e a Angola Telecom.

Em entrevista, o embaixador da China, Gong Tao, sobre a possível negociação da dívida, garantiu que "será sempre uma negociação entre amigos com respeito mútuo". Na mesma edição, Rui Carreira explica a opção pela Ethiopian Airlines no transporte de equipamentos de biossegurança da China para Angola, garantindo que se deveu à indisponibilidade da Taag que, na altura, não tinha condições logísticas para aterrar no gigante asiático'. O CEO da Taag calculou o frete das aeronaves da transportadora etíope para a China em cerca de 500 a 600 mil dólares, na altura.

Em entrevista, o gestor da Refriango, Diogo Caldas, defende que a água não deveria pagar IVA, no país, por ser um produto de cesta básica, destacando uma relação de proximidade com o Governo no sentido do apoio ao sector com propostas que incluem a redução do Imposto Especial de Consumo e do IVA.

UNHO

"Neste momento, não há como garantir a separação de poderes", defendeu em entrevista o advogado Sérgio Raimundo, que criticou ainda o facto de o Governo colocar em curso a redefinição do papel do Tribunal Constitucional "numa fase de crise", justificando tratar-se de uma lei de interesse da sociedade no seu todo.

É destaque a possibilidade de a cadeia de supermercados Candando encerrar metade das lojas e mandar cerca de 1.000 pessoas para o desemprego.

Sindicato bancário contesta despedimentos, depois de a administração do BPC ter antecipado a rescisão de 1.600 trabalhadores e o encerramento de 60 agências até 2022. O Sindicato Nacional dos Empregados Bancários (Sneba) entendia que existiam outras "soluções" para a diminuição de custos.

O aumento nominal da dívida pública, em 2019, atingiu os 48,7% para os 34,3 biliões de kwanzas, ao passo que, em termos reais (levando em conta a variação cambial), o crescimento se ficou pelos 27,1%. Os dados consolidados da execução fiscal do ano passado dão ainda conta do aumento nominal do rácio da dívida sobre o PIB para os 107%. Foi o principal destaque da edição 214.

Migração foi o principal destaque. No caso, a tendência de aumento de angolanos que deixaram o país para fixarem residência em Portugal. Depois de um crescimento superior a 9% em 2018, no último ano, a subida foi de

23,4%. Dois anos que interrompem uma trajectória de queda que durou entre 2008 e 2017. Na mesma edição, foi possível ler que médicos cubanos abandonaram a clínica Girassol por falta de salários.

216IULHO

Fonte do grupo Cosal avança ao VALOR que a empresa pretendia exercer o direito de preferência para ficar com a sua quota-parte nos 25% da Sonangol no banco Caixa Angola, na sequência do processo de privatização de activos da petrolífera. Na mesma edição, em entrevista, o político e economista Fernando Heitor defende que "João Lourenço apertou a corda no pescoço do povo angolano". Por outro lado, Isabel dos Santos reage à decisão do Estado português de privatizar a Efacec, acusando Portugal de avançar com uma "nacionalização forçada", explicada por "vontade política".

O Ministério das Finanças torna pública a intenção de garantir pelo menos 30 mil milhões de kwanzas dos 61,9 mil milhões de dívida das empresas ao fisco e que se encontram em litígio na justiça. A estratégia passava por perdoar parte dos tributos, dos juros de multas, com a condição de as empresas desistirem dos processos. Dois destacados empresários reagem com cepticismo. Outro destaque foi o 'Caso 500 milhões', num texto que recordou o processo desde a acusação à sentença.

Fonte dos Transportes explica ao VALOR que a decisão do Presidente da República de reduzir o capital social da Taag de 700 mil milhões para 127.007 milhões foi forçada, em grande medida, pela indecisão no programa de reforço da frota da companhia com 14 aeronaves, sobretudo na compra das 14 aeronaves à Boeing. Na mesma edição, o então embaixador do Brasil, entre outros temas, aborda o 'Caso IURD'.

É destaque o embaraço que as empresas Endiama, Sodiam













e Ferrangol, assim como o Tesouro, causaram às contas do sector mineiro. Em causa, várias contas a entregar e a receber assinaladas com reservas, nos relatórios e contas das empresas públicas do sector mineiro. Por seu turno, o empresário Jaime Freitas defende que a tributação do património iria "desincentivar investimento".

AGOSTO

Boeing prolonga entrega de aeronaves à Taag para 2025.

Fonte da construtora norte--americana antecipava, ao VALOR, que Angola não havia oficializado, até à altura, o cancelamento das encomendas, de modo que as entregas se mantinham, entretanto, esticadas para até 2025. Foi também destaque o facto de o Governo ter aprovado gastos acima dos 8 milhões de dólares para o equipamento da Unidade de Motorização e Acompanhamento de Projectos do Executivo (Umape).

Segunda-Feira 21 de Dezembro 2020 Valor Económico | 11

AS RESERVAS INTERNACIONAIS

Líquidas do país voltam a cair, fixando-se agora nos 8.020,54 milhões de dólares, segundo dados do Banco Nacional de Angola.



































Contratação de uma auditoria forense às contas da Unitel continua a dividir accionistas da Unitel com a Sonangol insistir no tema, ante a resistência de Isabel dos Santos e de Leopoldino do Nascimento. O VALOR apurou, na altura, que dentro da própria Sonangol, não havia consensos, já que altos funcionários entendiam que, antes de exigir à Unitel, a própria petro-lífera pública devia aceitar submeter-se a uma auditoria

externa. No entanto, a referida auditoria não avançou.

A empresária Filomena Oliveira critica a contratação da Bloomberg por 40 milhões USD, afirmando que os investidores estrangeiros sérios "não são impressionados com campanhas de publicidade". E observa que os 40 milhões de dólares "torrados" com a Bloomberg faziam falta à produção nacional e ao combate à pobreza. Em

carta ao Ministério da Economia e Planeamento, Filomena Oliveira acusava ainda o Governo de violar a Lei da Publicidade. Na mesma edição, dava-se conta da desistência da Unitel da polémica auditoria forense.

Contrariamente às garantias dadas em Junho que estendiam para o fim do ano a possibilidade de Angola compensar o incumprimento dos primeiros meses do acordo de cortes na

produção, no âmbito do acordo da OPEP+, o cartel decidiu obrigar o país a ajustar a produção em Setembro. O grupo dos incumpridores teria de cortar um total de 1,15 milhões de barris por dia, em dois meses. Foi o principal destaque, acompanhado pelo recuo em 29% nas trocas comerciais entre Angola e Portugal no primeiro semestre de 2020.

O grande destaque foi a pressão de gigantes do

comércio mundial, como a Rússia, a União Europeia e os EUA para que Angola revisse o decreto presidencial, aprovado no ano passado, que prevê restrições à importação de pelo menos 54 produtos, no quadro do Prodesi. No mesmo número, era destaque o alerta de que o designado 'caso São . Vicente' exigiria auditoria à Sonangol.

Continuação na página 12

12 | Valor Económico

Retrospectiva































Continuação Da página 11

SETEMBRO

As exigências da OPEP+ aos países que não cumpriram os cortes na produção, acordados para Maio e Junho, subiriam de tom. O VALOR apurava que a Arábia Saudita, o mais influente membro da OPEP, tinha ameaçado vender petróleo barato aos clientes dos incumpridores em que se incluíam Angola e a Nigéria, caso esses países não iniciassem a compensar com

cortes, de forma imediata. Foi também destaque da edição a entrega, pelo Presidente da República, de uma obra de 90 milhões de dólares a uma empresa espanhola, anteriormente chumbada pelo Tribunal de Contas.

Dados internos da Sonangol a que o VALOR teve acesso revelam que o monopólio do seguro petrolífero, detido pelas AAA, terá custado ao Estado cerca de 2,5

mil milhões de dólares em 13 anos. Os cálculos têm por base a diferença entre os preços cobrados pela empresa de São Vicente e os preços médios de referência do mercado internacional. Petróleo voltava a ser destaque, já que Angola desafiaria a Arábia Saudita, violando, outra vez, o acordo em Agosto. Na mesma edição, o professor João Sebastião Teta defendia que "o maior crime que o país pode ter não é roubo de dinheiro, mas sim do conhecimento".

Fontes da indústria revelavam que, à semelhança do caso AAA com o seguro petrolífero, o Estado teria perdido centenas de milhões de dólares com o monopólio da logística detido pela Sonils, empresa em que a Sonangol detém formalmente 100% do capital desde 2011. E duas empresas privadas, sem presença formal na estrutura accionista da subsidiária, chegaram a receber 23

milhões de dólares de dividendos, entre 2004 e 2011.

Foi destaque a avaliação dos três anos de governação de João Lourenço. Os principais indicadores económicos e sociais colocam a governação com os 'nervos à flor da pele'. Uma agência independente revelava que cerca de 80% dos angolanos davam nota negativa a João Lourenço. Também tem presença de destaque a notícia dando conta do envol-

AS REMESSAS ENVIADAS para Portugal, por emigrantes portugueses em Angola, aumentaram 11,3%, em 2019, passando de 223 milhões de euros para 248,4 milhões de euros, de acordo um relatório do centro de investigação do ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa.





vimento de Carlos Saturnino em negócios da Sonils.

OUTUBRO

"Critérios de despedimentos contestados no BPC" foi um dos temas de destaque da edição, além de uma revelação de que a Sonangol avançaria com a construção de um centro de investigação por pressão da Noruega. O paradeiro do financiamento do centro em questão já teria sido também alvo de investigação nos Estados Unidos da América.

Por seu lado, Francisco Leite, director-geral da ITA, considera, na mesma edição, que os preços da Angola Cables eram "10 vezes mais caros do que no mercado internacional".

A confissão de suborno de um empresário francês a altos quadros do sector petrolífero angolanos, entre os quais o embaixador de Angola no Quénia, Sianga Abílio, e o exadministrador executivo da Sonangol Baptista Sumbe, foi dos destaques da edição. Por outro lado, em véspera do discurso sobre o 'estado da Nação', analistas chegaram a desafiar João Lourenço a abordar o 'caso Edeltrudes', assim designado depois de uma reportagem da portuguesa TVI revelar que o director do gabinete do Presidente da República assinava contratos milionários com o Estado. João Lourenço não tocou, entretanto, no assunto.

O Eurobic, banco português de capitais angolanos, estava a ser cobiçado e mais 12 candidatos estavam posicionados, depois de o negócio não avançar com os espanhóis da Abanca. As acções de Isabel dos Santos estavam quase vendidas e Fernando Teles admitia ser accionista maioritário ou vender a totalidade das participações, fazendo depender o desfecho das ofertas que receberia. Na mesma edição, foi destaque a 'obrigação' da PGR de investigar Manuel Vicente.

Uma edição memorável com uma única palavra como título: Porquê? Jornalistas do VALOR e da Rádio Essencial, em serviço e devidamente identificados, foram detidos enquanto cobriam uma manifestação em Luanda, tendo permanecido nas quadras da Polícia entre as 10 horas de sábado, 24 de Outubro, e as 15 horas de segunda-feira, 26 de Outubro. Era o questionamento à promessa de João Lourenço de "maior liberdade de imprensa".

NOVEMBRO233

O Governo voltava a inscrever, na proposta do OGE de 2021, a construção da biblioteca da Presidência da República. O projecto, que incluía uma galeria, constava da proposta do OGE Revisto do ano em curso, mas seria retirado, em Julho, após fortes críticas da sociedade, que o considerou não prioritário. Na altura, a Presidência foi também obrigada a deixar cair o pro-

jecto de reabilitação do centro clínico dentário. No entanto, ao contrário dos anteriores 1,2 mil milhões de kwanzas, o custo da biblioteca subiu agora cerca de 164% para 3,1 mil milhões de kwanzas.

Fonte do Governo avisa que documentação sobre a memória estratégica do Estado "se encontra dispersa" e assegura que a Biblioteca da Presidência deverá avançar, mal as condições financeiras o permitam. Uma nova versão do OGE de 2021 no site das Finanças corrigia a anterior que inscrevia o projecto e que tinha servido de base da manchete anterior do jornal. Na mesma edição, destacaram-se também negociatas à volta dos testes da covid-19 para viajantes. Segundo a reportagem do VALOR, sair de Luanda sem teste custava 5 mil kwanzas.

Dois grandes temas dividem a capa. As Reservas Internacionais Líquidas que recuaram 40% em três anos. E o negócio de um Bloco petrolífero que custou 3 mil milhões de dólares à Sonangol e que passou para a Total por menos de 400 milhões de dólares. A Sonangol tinha adquirido o mesmo bloco a uma empresa ligada ao ex-vice-Presidente da República, Manuel Vicente, empresa esta que tinha recebido os activos do Estado a custo zero.

Depois de, em 2014, a Sonangol ter transferido a dívida da Fábrica de Cimento do Kwanza-Sul para o Estado, novos dados revelam que a empresa associada ao antigo ministro da Indústria, Joaquim David, terá de resolver o pendente outra vez com a petrolífera pública. São mais de 800 milhões de dólares em causa. Foi também destaque a diferença abismal entre o número de empregos prometidos no hotel Intercontinental, de Luanda, com a média mundial de empregados da

cadeia hoteleira. Os números prometidos em Angola representam 13 vezes acima da média internacional.

Angola é eleita para a presidência rotativa da OPEP e um conhecido empresário do sector considera a eleição uma "armadilha". Pedro Godinho justifica a sua tese com as limitações na produção a que o país estaria sujeito, enquanto fiscalizador do cartel, numa altura em que tem necessidade de explorar o total da sua capacidade actual, face à baixa dos preços. Uma entrevista do empresário Tomasz Dowbor em que prevê um 2021 melhor que o ano que se apresta ao fim fez também destaque.

DEZEMBRO

A meta do Governo de arrecadar pelo menos 30 mil milhões de kwanzas com as negociações da dívida em litígio fracassou com estrondo, ficando-se apenas pelos 546 milhões kwanzas. Na mesma edição, foi possível ler uma entrevista com o ministro dos Transportes, que revelou que o metro de superfície de Luanda vai custar 24 milhões USD/Km. E ainda a possível falência do Resorts Carpe Diem.

Depois de a PT Ventures ganhar o direito de ver os activos da Vidatel geridos por um administrador judicial, por decisão do Tribunal Supremo das Ilhas Virgens Britânicas, a nova batalha entre os accionistas da Unitel terá como palco o Tribunal Arbitral Chamber of Commerce (CCI). Será esta instância a decidir se a PT Ventures tem, de facto, direito aos 350 milhões de dólares que exige de compensação, por ter ficado vários anos sem representantes na administração da Unitel. Foi também destaque uma acusação ao ex-PCA da Endiama Carlos Sumbula por ter alegadamente colocado accionistas em projecto mineiro a custo zero.

14 Valor Económico Segunda-Feira 21 de Dezembro 2020

Entrevista

CAETANO CAPITÃO, SECRETÁRIO-GERAL DA CÂMARA DE COMÉRCIO ANGOLA-ÍNDIA

"As políticas têm estado

a gerar instabilidade"

Entende que tem havido "esforços isolados, mas a sincronia para o desenvolvimento económico ainda está em falta". Identifica "instabilidade económica", provocada pelas políticas do Governo e aconselha a que o próximo ano seja de "mais diálogo e coragem"

Por Júlio Gomes

ual é o actual nível das trocas comerciais entre Angola e a Índia? Estão mais centradas no sector petrolífero. A Índia continua a ser o segundo maior comprador de petróleo bruto angolano. Mas também já se consegue perceber alguma exportação de produtos agrícolas angolanos como a Madeira, mas sobretudo feijão, café e banana.

Qual é peso dessas exportações?

Não temos quantidades exactas. Prefiro não arriscar, mas da informação de alguns dos nossos parceiros já há iniciativas concretizadas. Da Índia para Angola, chegam, na sua maioria, arroz, óleo alimentar, bolachas, mas também bens industriais como vestuário e calçado. Logo, a componente da Índia para Angola é mais diversificada. No conjunto, estamos a falar numa balança comercial entre os dois países na ordem de cinco biliões de dólares. Desse valor, 70% a 80% representam as exportações petrolíferas angolanas. As estiveram adormecidas, consi-

derando os vários contextos, mas estão a ganhar outra dimensão. Os ganhos começam a surgir, não só no sector petrolífero, mas no diamantífero, considerando que pela Índia passam várias quantidades de quilates de diamante bruto angolano. Em Angola, já temos algumas estruturas de lapidação com a participação tecnológica de empresas indianas. Há a representação indiana na distribuição (uma das maiores cadeias é o 'Alimenta Angola'), da indústria e das tecnologias. As relações estão a cimentar-se e ainda prometem muito.

Onde coloca o papel da CCIAI?

Temos estado a jogar um papel bastante activo no sentido de promover os interesses de investimentos, principalmente da Índia para Angola. Nos últimos dois anos, tem havido muito interesse de empresas indianas para investir, por exemplo, no sector diamantífero, não só na lapidação, mas também na exploração e na agricultura. A Índia é muito forte e pode entrar na produção de maquinaria. A ideia é estabelecer parcerias e temos trabalhado com o Ministério da Agricultura e Pescas, para instalar indústria que produza maquinaria. O mesmo ocorre na saúde, não só na promoção e venda de medicamentos, mas sobretudo na

produção local incluindo material gastável. A cooperação passa também pela formação de angolanos. Temos trabalhado com o Ministério da Saúde e também com algumas clínicas renomadas. Também há as tecnologias de informação e telecomunicações, onde a Índia é igualmente muito forte. Estamos a trabalhar com a Embaixada da Índia para que se possam aproximar as entidades para haver uma participação indiana mais significativa. O nosso papel tem sido dar a conhecer o potencial de Angola na Índia,

conhecem pouco das oportunidades do nosso país. Temos trabalhado directamente com a Aipex, a AIA e outras associações empresariais. O sector industrial da Índia também é pujante e o nosso país precisa desenvolver-se.

Podem também ajudar a nossa agricultura?

Sim. Aliás, já tivemos delegações de empresários indianos com a intenção de investir. Ou seja, ter acesso a terras e começarem a produzir e



Não podemos estar distraídos com o que se passa ao redor das nossas fronteiras. Há países que também estão a posicionar-se no sentido de atrair investidores.

exportar para a Índia. Mas esse é só um exemplo concreto, porque a Índia está aberta a interagir com Angola de A a Z na agricultura. Dos engajamentos que já tivemos com o Ministério da Agricultura e Pescas, constatámos que há interesse e esperamos agora que, a partir do próximo ano, possamos consolidar algumas iniciativas. Há muita abertura por parte da Índia. Também se pode contar com o apoio financeiro de alguns segmentos indianos como o Exinbank para apoiar empresas indianas que se mostrem interessadas em investir em Angola.

A covid-19 não retraiu o desempenho da CCIAI?

Sem dúvida. A covid-19 tornou o ano 2020 improdutivo para todos. O empresariado indiano já tinha uma agenda definida connosco, teve de adiar a vinda e protelar os projectos, mas conseguimos realizar algumas actividades, por via virtual. Por exemplo, em Setembro realizamos uma conferência que engajou o empresariado indiano de forma diversificada. Tivemos, aproximadamente, 300 participantes do lado indiano e do lado angolano um número bastante significativo. Honrou-nos a presença do ministro das Relações Exteriores, Tete António, e foi uma iniciativa primária que permitiu despertar o sector indiano. A Aipex jogou um papel importante ao fazer uma resenha bastante detalhada sobre o que o país tem a oferecer. A nova Lei do Investimento Privado foi uma ferramenta transmitida ao investidor indiano. Tivemos outro engajamento com a 'Indoafrica chamber of commerce' que tem estado a trabalhar a partir da Índia para todo o continente africano. Prevemos que alguns empresários desta câmara interajam com indianos em alguns segmentos principalmente da indústria. Também foi possível realizar uma conferência sobre produção de jóias e lapidação de diamantes. Engajamos nisso a Sodiam e a Endiama. Cremos ter lançado as sementes para que, em 2021, comecem a germinar.

Os empresários angolanos lamentam o difícil acesso ao crédito. Concorda?

Concordo em parte porque iniciativas locais e vindas de fora existem em grande número para que a nossa economia possa ganhar uma outra velocidade. Apela-se mesmo a a que a banca, ou seja, a componente financeira apareça para impul-

sionar o empresariado a outro nível. Angola está a viver um momento bastante crítico relacionado com a queda do preço do petróleo e a covid-19 entre outros constrangimentos, mas entendemos que o sector bancário deve trabalhar mais para o empresariado para que o acesso ao crédito seja desburocratizado para encorajar soluções bancárias. Ao mesmo tempo, também deve haver uma 'mão' do Executivo para que se motive o investimento com soluções bancárias locais. Mas o que temos estado a assistir é o contrário.

Como, por exemplo?

Há empresas a fechar porque não conseguem trabalhar, por não terem uma 'esteira' financeira para alavancar os projectos. Queremos um sector bancário amigo do empresariado. Há vezes em que se chega ao banco e vemos que não há diálogo entre o empresário e o funcionário bancário. A nossa banca tem de estar mais diversificada. Por exemplo, fala-se muito da promoção do sector agrário, mas a nossa banca não está preparada para lidar com esses projectos. Analisa um projecto do sector agrário como se fosse imobiliário.

Não se pode sonhar com uma agricultura desenvolvida e competitiva?

Grande parte dos projectos não vai de encontro à expectativa do empresário agrícola. Temos de ter políticas bancárias mais atractivas e céleres que sejam mais ajustadas. Por exemplo, se o empresário vai pedir um crédito é importante que saia antes do início do ano agrícola. Se sair depois, já não faz sentido. A nossa banca tem de estar ajustada à demanda do empresariado e com o processo mais facilitado.

PERFIL

É secretário-geral desde a criação da câmara, em 2016, uma entidade que congrega 45 empresas angolanas e indianas. Caetano Capitão nasceu no Huambo, em 1973e é Mestre em metodologia do ensino da língua inglesa, pós-graduado em gestão aplicada, e mestrando em ciências jurídico--económicas na Faculdade de Direito da UAN. Foi ainda o primeiro director do extinto Centro de Apoio Empresarial (CAE).

Como avalia o ambiente de negócios?

Já melhorou bastante considerando a realidade de há dois três anos. A começar pela própria Lei do Investimento Privado. Só o facto de o investimento não exigir a participação de um parceiro angolano é um bom princípio. Percebemos alguns esforços da própria Aipex para que o processo de atracção do investimento seja mais facilitado só que ainda existem alguns pontos que não encorajam muito e depois temos de entender que o investidor estrangeiro ouve muito dos parceiros que cá já estão.

Quais são outros desafios?

Temos desafios relacionados com o repatriamento de capitais. Mesmo tendo o projecto passado pela Aipex e outras entidades, há dificuldades de repatriar dividendos. Isso retrai o investidor e faz com que quem investiu hoje se calhar já não o faça amanhã.

Qual tem sido o vosso conselho?

Tem havido algum diálogo. O nosso primeiro contacto tem sido a Aipex, que tem estado aberta para engajar entidades que facilitem o processo como o Banco Central, mas, de um modo geral, os resultados ainda não são muito encorajadores. Por outro lado, o processo de licenciamento de empresas e de segmentos de actividade também é muito burocratizado. Há muitas fases, muitos embaraços para instalar projectos e pô-los em andamento. É certo que existem zonas económicas especiais, mas ainda existem muitos embaraços de um modo geral.

Na lógica do investidor indiano, a agricultura é a grande prioridade, certo?

As energias renováveis são outro segmento de interesse. Também a agro-indústria e a área têxtil. A Índia tem uma enormidade em termos de

áreas de intervenção que quer trazer para Angola, desde que o mercado seja atractivo e menos burocratizado. A Índia é o segundo maior país do mundo em termos de população e tem também um número excessivo de pequenas e médias empresas que estão a ter algum sucesso e querem se internacionalizar. Angola está na lista de prioridades.

De que forma avalia as políticas do Governo para corrigir os desequilíbrios?

Ainda continuamos muito dependentes de um único produto de exportação, o petróleo. Há alguns desafios para sairmos desta realidade que gera desemprego.

Com um kwanza fraco, não se pode sonhar com uma incitação à produtividade das empresas...

Não podemos estar distraídos com o que se passa ao redor das nossas fronteiras. Há países que também estão a posicionar-se no sentido de atrair investidores. Angola está a ter alguns posicionamentos positivos, mas precisamos de trabalhar mais até mesmo no processamento de vistos. Quanto mais burocratizados formos, mais desencorajadores seremos. O câmbio flutuante também é outro desafio, não ajuda muito. Quem investe quer ver estabilizado o negócio com grande potencial de

Há vezes em que se chega ao banco e vemos que não há diálogo entre o empresário e o funcionário bancário. crescimento. Quando isso é sinónimo de regressão já é complicado.

Como avalia a situação económica do país?

Está estacionária. A instabilidade económica ainda desafia os projectos de investimento. As políticas têm estado a gerar instabilidade. Percebe-se os esforços isolados, mas uma sincronia que promova o desenvolvimento económico ainda está em falta. Precisamos de olhar para que o próximo ano deva ser de mais diálogo e coragem para superar os estrangulamentos.

Uma hipotética subida dos combustíveis também pode ser um entrave, não?

Todo o investidor que entre na agricultura precisa de combustível para a locomoção e produção. Se o preço aumenta, isso vai impactar no produto final. Fica tudo mais apertado. Estamos num país em que as infra-estruturas de apoio ao sector empresarial são quase inexistentes como estradas, energia eléctrica, água. Tem de começar do zero. O Executivo está muito lento na criação de condições para que o empresariado possa instalar-se e ajudar no processo de desenvolvimento.

Isso complica a adesão de Angola no mercado livre africano?

Angola está geograficamente bem posicionada. Mas, internamente, precisa de se organizar mais. Precisa consolidar as bases para poder ombrear com outros países e retirar daí vantagens, porque não temos infra-estruturas de apoio. Uma das ferramentas necessárias seria a industrialização, mas isso precisa muito do investidor estrangeiro, além de termos de ter uma malha rodoviária eficaz.

O país também tem o problema de quadros...

As políticas públicas têm de pensar deforma que daqui a cinco anos possamos ter quadros capazes de alavancar o desenvolvimento. Precisamos de competências tecnológicas. Tem de haver maior diálogo entre o Executivo, a academia e o empresariado. Falta o entrosamento nas políticas públicas. O país continua a formar quadros que impactam pouco o ambiente de trabalho. Não são criativos, nem inovadores. A academia não deve formar só para fazer número. No âmbito da integração económica, por exemplo, temos quer ter quadros angolanos que dominem línguas sobretudo o inglês e o francês.



16 Valor Económico

DE JURE



CARTA REIVINDICATIVA FOI ENDEREÇADA AO PR, QUE AINDA NÃO REAGIU

Funcionários do TS mantêm braços cruzados e exigem melhores salários

GREVE. Segundo membro da comissão sindical, paralisação deverá ser extensiva a todos os oficiais de justiça, funcionários administrativos e do quadro eventual, que clamam também pela criação melhores condições de trabalho.

Por Redacção

s funcionários do Tribunal Supremo (TS) mantêm o 'finca-pé' relativamente à greve que teve início na passada quinta-feira, 17 de Dezembro. Quatro dias depois de anunciada a paralisação dos serviços, reafirmam que a greve se vai manter, numa primeira fase, até ao dia 24 e, caso a entidade empregadora não responda satisfatoriamente às questões/reclamações constantes no caderno reivindicativo, ameaçam voltar a cruzar os baços logo na primeira quinzena de Janeiro, isto é, a partir do dia 11, garantindo apenas os serviços mínimos.

Em declarações ao VALOR esta segunda-feira, 21, um dos membros da comissão sindical lamentou que, até ao momento, não tenha havido qualquer pronunciamento por parte da entidade empregadora, o que, de lá para cá, tem adensado ainda mais o nível de adesão que, até sexta-feira passada, rondava os 80% dos funcionários.

De acordo com Biscay Kassoma, de entre outras questões, em causa está a falta de acordo nas negociações entre os funcionários do Tribunal Supremo e a entidade empregadora que remontam a 2017, ano em que se espoletou a primeira greve que teve duração de cinco dias.

Segundo ainda o membro da comissão sindical, a paralisação deverá ser extensiva a todos os oficiais de justiça, funcionários administrativos e do quadro eventual, que clamam pela criação melhores condições de trabalho.

A questão fundamental, segundo Biscay Kassoma, membro da comissão sindical, tem que ver com a equiparação salarial em relação aos outros órgãos de soberania, tais como os tribunais de Contas, o Supremo Militar e o Constitucional, "em que os funcionários têm salários dignos".

Face ao tipo de trabalho que fazem, que é de risco, os funcionários do TS alegam "não ser justo continuarem a auferir salários inferiores aos funcionários dos demais órgãos de soberania", sobretudo porque os funcionários do Tribunal Supremo são os que mais trabalham, mas são os que menos ganham", sublinhando haver no TS juízes conselheiros com quase 400 processos.

"Vivemos inúmeras dificuldades e de certeza que qualquer pessoa que disponha de posses e para ganhar vantagem pode corromper-nos facilmente", e jura que os funcionários pretendem evitar esta situação.

O sindicato garante ainda que já remeteu uma carta ao Presidente da República, no entanto, até hoje, segunda-feira, 17, não obteve qualquer resposta, tal como da parte da entidade patronal.

Biscay Kassoma esclarece, portanto, que a greve visa exigir, para além "a equiparação do salário-base, subsídios e regalias dos juízes-conselheiros e demais funcionários do Tribunal Supremo às dos outros tribunais, o pagamento do subsídio de saúde e alimentação, transporte e progresso na carreira e formação".

A PARTIR DE AMANHÃ

PGR em formação sobre novo Código Penal

A Procuradoria-Geral da República (PGR) realiza, a partir de amanhã, 22, a segunda fase do ciclo de formação sobre os novos códigos Penal e do Processo Penal, dirigida aos magistrados do Ministério Público.

A formação, cuja primeira fase teve início a 4 de Dezembro, incide sobre as principais matérias e inovações no Código do Processo Penal, tais como a intervenção do juiz de garantias e a aplicação das medidas de coacção; as formas de processo e respectiva tramitação; os recursos em processo penal; a execução das penas e medidas de segurança.

As sessões decorrem em videoconferência, permitindo a participação simultânea dos procuradores de todas as províncias, e vão continuar em vários formatos até Fevereiro, altura em que entram em vigor os novos Códigos Penal e do Processo Penal.

Os dois diplomas foram publicados em Diário da República, a 11 de Novembro, através da Lei nº 38/20, de 11 de Novembro, que aprova o Código Penal Angolano, e da Lei nº 39/20, que aprova o Código do Processo Penal Angolano. Ambos os diplomas reforçam a tutela dos direitos, liberdades e garantias fundamentais dos cidadãos.

O Código Penal Angolano foi aprovado em Janeiro de 2019. Em Agosto, o Presidente da República solicitou a revisão de artigos específicos do diploma, relacionados, fundamentalmente, com os crimes cometidos no exercício de funções públicas.

Gestão

RANKING MUNDIAL DE 2020

As 10 melhores empresas para trabalhar



55

Mil, número de funcionários da Hilton, eleita pelo segundo ano consecutivo a melhor empresa para se trabalhar

94%

Taxa de satisfação dos trabalhadores da WEGMA NS FOOD MARKETS, eleita a terceira melhor empresa para trabalhar CRIATIVIDADE. Companhias mais dedicadas ao bem-estar dos seus funcionários têm um ranking anual, que reúne as 100 melhores empresas para trabalhar de acordo com os funcionários. E os critérios, para alem do primeiro que só torna elegíveis empresas com mais de mil funcionários, focavam segurança no trabalho, ambiente, experiências com o empregador e apreciação por parte do mesmo.

1-HILTON – com mais de 55 mil funcionários este gigante global da hotelaria é pelo segundo ano consecutivo a melhor empresa para se trabalhar de acordo com os seus funcionários que lhe atribuem uma pontuação de 96% de satisfação. De acordo com a directora dos RH a chave está na diversidade e na paixão pela hospitalidade que é algo que não se consegue ensinar.

2-ULTIMATE SOFTWARE –

a cultura do obrigado limpesa nesta empresa de software especializada em recursos humanos e que fechou em Maio um negócio de mais de 11 mil milhões de USD. O espaço de trabalho tem sempre flores frescas, há pagamento de todas as contas de saúde e férias nas Bahamas como bónus para os funcionários que atingem objectivos. O lema é dar prioridade aos funcionários é essencial ao sucesso do negócio.

3-WEGMANS FOOD

MARKETS – com perto de 50 mil funcionários esta empresa focada no fornecimento de comida saudável tem um programa de bolsas de estudo e contrata sobretudo millenials entusiasmados pela venda de saúde aos clientes. A satisfação dos jovens funcionários anda pelos 94% e muitos têm planos de se tornar franchisados da marca nos seus bairros de residência.

4-CISCO - o conglomerado que este ano dedicou 225 milhões

USD à luta contra o covid conta uma aprovação dos seus funcionários acima dos 98% e é evidente nos sorrisos que adoram trabalhar no gigante tecnológico. Segundo os gestores a Cisco faz de tudo para cuidar dos seus funcionários, incluindo providenciar aulas de meditação e yoga para além de consultas com psicólogos.

5-WORKDAY – a australiana é sem surpresa integrante da lista porque o seu produto é "tudo o que diz respeito a recursos humanos". E os focos actuais da empresa são a diversidade, igualdade de género e a inclusão. O lema é "a diversidade proporciona melhores decisões mais criatividade e melhores resultados e as mulheres têm um papel particularmente importante nisso".

6-SALESFORCE – mais uma tecnológica no topo das melhores para os funcionários que com mais de 24 mil (só nos EUA) é presença assídua nestes rankings. A contratação é na maior parte dos casos por referência de outro funcionário que recebe um prémio se a contratação for acertada e tem uma app só para monitorar o estatuto da aplicação.

7-EDWARD JONES – com mais de 47 mil funcionários, esta especialista em serviços financeiros tem uma cultura de aumentos anuais e bónus por mérito, para além da chance de se tornar par-

tner. O programa de treinamento mais compreensivo" e que se traduz em segurança e na mais alta taxa de retenção da indústria acima dos 85%.

8-STRYKER – Esta companhia de tecnologia médica tem um programa de voluntariado e doa equipamento hospitalar por cada novo equipamento aprovado, para além de fazer questão de cumprir a tradição de plantar uma arvore (já vai em mais de 20 mil). A cultura de trabalho é motivar os funcionários para o foco no desconhecido e complexo.

9-AMERICAN EXPRESS – O

cartão de crédito mais conhecido do mundo vem de uma cultura de trabalho flexível, progressista e de incentivo à carreira na empresa. Fundada em 1850 e há mais de 20 anos no ranking das melhores para trabalhar a AE doa 900 milhões de USD todos os anos a ONGs variadas e oferece voluntariado aos funcionários.

10-KIMPTON HOTELS E RESTAURANTS – Uma rede

de hotéis de charme que encanta os seus funcionários que lhe atribuem 92% de satisfação. Segundo o manager a equipa de mais de 8 mil funcionários é famosa pela diversidade e cultura inclusiva que emprega deficientes, transsexuais, ex-militares e criou um programa de apoio à maternidade que ajuda ao regresso ao trabalho.

18 Valor Económico

(In)formalizando

ONLINE E FISICAMENTE

Venda de bens em segunda mão ganha força

COMÉRCIO. Queda do poder de compra, preços mais acessíveis e preservação ambiental são um dos principais factores do aumento da venda de bens já usados. Mas há ainda uma certa desconfiança.

Por Guilherme Francisco

cada vez mais comum observar nas ruas da capital jovens, e não só, fazendo-se transportar em motos com electrodomésticos e outros tipos de bens já usados à procura de clientes. De megafones na mão, ou com afixados na moto de três rodas, conhecidas como 'kupapatas', percorrem a periferia, inclusive algumas zonas urbanizadas, cada um com o seu modo peculiar de despertar interesse aos potenciais clientes. As máquinas de lavar e gelei-

ras figuram no rol das mais vendidas, segundo conta Rodrigues Nsumbo. O jovem de 30 anos, dedica-se, há um ano, ao negócio e tem como principais pontos de venda Viana e Cazenga. Compra qualquer tipo de bem estragado para depois reparar e vender a quem não tenha possibilidade de comprar um novo, a um preço avultado. Por exemplo, vende uma máquina de lavar média, sem secador, entre 12 e 14 mil kwanzas, com a devida negociação com o cliente. Já uma geleira pode chegar aos 35 mil, dependendo do estado de conservação. "Os electrodomésticos estão caríssimos, nem todos têm possibilidade de comprar um novo. A solução de muitas famílias têm sido os usados. Temos facilitado a vida de muita gente", conta, satisfeito com as quatro a cinco vendas, em média, semanais.

Outros, na falta de meios de transporte, não se inibem de andar com o bem sobre a cabeça. É o caso de Carlos Congo, vendedor ambulante de máquinas de lavar. Admite que actualmente a procura por um bem usado é maior do que há algum tempo, embora sob desconfiança do estado de funcionalidade. Com vista a superar o cepticismo dos clientes, prefere vender a duas prestações concluídas no prazo de uma semana, período de certificação do estado de funcionalidade.

Pela internet, a venda de bens é visivelmente maior, basta olhar pelos grupos e páginas nas redes sociais, em que são publicadas imagens com descrição do período de uso do bem, além do preço, sem, no entanto, garantias. Mas, em algumas ocasiões, com direito à negociação do valor final. Os bens vão desde os decorativos a electrodomésticos e vestuários.

A verdade é que, muitas vezes, os bens usados vendidos informalmente não são confiáveis. Passados menos de um mês, geralmente, apresentam defeitos, noutros casos, deixam de funcionar repentinamente. Foi o que aconteceu com Inês Paixão, que comprou uma máquina de lavar sem secador a 12 mil kwanzas.

Em menos de cinco dias, parou de funcionar enquanto lavava. "Foi uma má opção. Não tive escolhas, fui obrigada a vender a quatro mil a uns miúdos que fazem reparações".

PENSAMENTO AMBIENTAL Para elevar a confiança dos clientes em adquirir bens usados, a Lafitte teve de combinar as vendas digitais com a física. Abriu uma loja de electrodomésticos usados, com preços fixados com base em três classes influenciadas pelo tempo de utilização e conservação, chegando a ter 10% mais barato em comparação a um novo. Elton

Escrivão, um dos proprietários, explica que a decisão surgiu da falta de credibilidade do sector informal. "A loja física dá mais confiança aos clientes, permite reclamações em caso de algum problema e oferece segurança de que se trata de um bem não roubado", assinala.

Fora do lado lucrativo, refere Elton Escrivão, o objectivo é "incutir na mente do angolano o uso de bens usados de qualidade, de forma a fazer perceber que comprar mais verde e inteligente tem grandes vantagens e garante o desenvolvimento sustentável."

Além da venda, a 'startup'

12

Mil kwanzas, preço mínimo de uma máquina de lavar no mercado de usados

35

Mil kwanzas, valor de uma geleira

MEMORIZE

As máquinas de lavar e geleiras estão entre os produtos mais vendidos, mas também os ferros de engomar. Vendedores informais, que vão perdendo o monopólio do mercado com a entrada de micro e pequenas empresas no negócio.

adquire, através do seu site e loja física, bens que estejam na dispensa de casas ou empresas. Embora de forma muito tímida, as empresas têm-se associado à causa por um factor ambiental. Ainda que exista, sobretudo nas públicas, uma certa relutância na venda dos muitos produtos, mesmo que estejam a perder valor na dispensa. A outra maior dificuldade, assinala Elton Escrivão, tem sido o critério de compra por consignação, não concordada por muitos clientes que queiram somente desfazer-se do bem e não pensem numa perspectiva mais ambiental.

MUITOS ANOS A CELEBRAR CONSIGO

2020 foi um ano de muitos desafios mas, juntos, sempre juntos, mostrámos a nossa força e vamos celebrar mais um Natal com os nossos Clientes!

O Banco BIC e o BIC Seguros, desejam-lhe Festas Felizes!





20 Valor Económico

Opiniões

Todas as segundas-feiras Angola tem mais...



Assinaturas:

assinaturas@gem.co.ao comercial@gem.co.ao



GEM ANGOLA GLOBAL MEDIA, LDA

Contactos comerciais: 941 784 791 - 941 784 792 Rua Fernão Mendes Pinto, nº 35, Alvalade, Luanda - Angola

A importância de 'storytelling' na gestão de pessoas



s histórias têm poder, fazem parte do nosso ADN e podem, sim, impactar organizações inteiras.

Nos últimos anos, muito se tem falado de storytelling e de como esta ferramenta pode ser aplicada em diversas componentes do negócio.

A arte de contar histórias, ou storytelling, é a capacidade de envolver e conquistar as Pessoas através da narração de acontecimentos. O storytelling é constituído por dois elementos fundamentais: dados concretos sobre determinado tema, que, por si só, normalmente não são um elemento capaz de conquistar a atenção das pessoas, e, talvez o mais importante, a emoção. E a emoção estimula um maior envolvimento dos ouvintes na narrativa. Quando aplicado no contexto corporativo, o storytelling é uma técnica que permite partilhar informações ou mesmo até decisões importantes e estratégicas, de uma maneira mais descontraída e interactiva.

É inegável que os resultados que esta técnica tem demonstrado nas organizações nos últimos anos são muito positivos. Mas de que forma podemos integrar histórias – boas histórias – nos processos e políticas de gestão de pessoas?

•Cultura Organizacional – Normalmente as empresas têm materiais que contam toda a sua história, desde a fundação até a atualidade. Mas a verdade é que muitos colaboradores não lêem tal informação. Para reforçar a cultura organizacional, o storytelling, pode ser utilizado para apresentar a história da empresa de uma forma envolvente, apresentando os principais milestones e conquistas, mas também destacando de colaboradores--chave que contribuíram para o desenvolvimento da empresa, apresentando o percurso profissional dentro da organização, com alguns episódios de relevantes. Por meio desta narrativa, as empresas estarão a reforçar o elo com os trabalhadores e destes com a missão, os valores e comportamentos que desejam fomentar.

- •Recrutamento com a automação de vários processos de recursos humanos, e sendo que a recrutamento já é uma realidade em diversas empresas, o storytelling surge como uma ferramenta poderosa para ajudar o recrutador a identificar competências chaves nos candidatos, como por exemplo: empatia, flexibilidade, resolução de conflitos e lições aprendidas.
- •Onboarding durante o processo de onboarding o storytelling pode ser usado na apresentação da empresa, partilhando o trabalho que a empresa desenvolve, bem como os seus impactos e resultados. Esta medida pode servir para encantar e inspirar os novos colaboradores, aumentando os níveis de motivação, facilitando a integração e alinhamento com a cultura organizacional.
- •Formação o tempo em que as acções de formação se resumiam apenas a powerpoints sem vida e uma sala onde só se ouve uma única voz já passou. O storytelling tem demons-

trado ser uma ferramenta poderosa que tem servido para aumentar os níveis de interacção e absorção de conhecimento durante as acções de formação. Quando uma história é contada, os formandos visualizam melhor o tema que está a ser abordado, ajudando na memorização e, consequentemente, conseguem facilmente pôr em prática o conhecimento transmitido.

- •Comunicação Interna A comunicação interna das empresas não precisa de ser monótona. Ao aplicar técnicas de storytelling ao comunicar internamente, a empresa pode recorrer a narrativas que estejam relacionadas com o dia-a-dia dos colaboradores destacando as suas expectativas e principais necessidades o que resultará num maior engagement por parte dos colaboradores.
- •Liderança com a automação de muitas profissões na maioria dos sectores de actividade, é cada vez mais importante que as pessoas tenham consciência de que são responsáveis pelas carreiras e que se devem comportar como líderes no sentido em que uma narrativa bem construída pode efectivamente alterar decisões e influenciar pessoas em todos os níveis da organização a adoptar posicionamentos diferentes.

Nos tempos em que vivemos, cada vez mais carregados de informação, o storytelling apresenta às empresas uma maneira conectar pessoas, capaz de influenciar decisões e trazer resultados positivos quando aplicada correcta e estrategicamente. Sendo as pessoas, o mais importante nas organizações, nada melhor do que uma união através de boas histórias!

Segunda-Feira 21 de Dezembro 2020
Valor Económico | 21

Os desafios são grandes e os governos e as e mpresas têm de se unir para incorporar a contabilização do impacto como prática habitual.

A próxima fronteira das empresas responsáveis



Ex-director executivo do Banco Mundial



Camille Putois,
Economista,
especialista em
negócios para
o crescimento
inclusivo

crise provocada pela covid-19 revelou como todos os nossos principais desafios estão entrelaçados.

A perda da biodiversidade e o aumento das desigualdades contribuíram para um desastre global de saúde pública e para a pior crise económica em quase um século. Como costuma acontecer durante esses momentos, as pessoas estão repentinamente mais receptivas a mudanças que antes teriam rejeitado imediatamente. Por exemplo, há uma grande mudança em andamento no mundo empresarial, onde muitos administradores e investidores estão ansiosos para adoptar práticas e modelos de negócios mais sustentáveis e responsáveis.

A tarefa agora é garantir que esta nova mentalidade se torne viral. Como é que podemos garantir que todas as empresas possam estar no caminho certo, tendo em conta que permanecem em dívida com as exigências e os interesses dos accionistas e investidores? Uma resposta óbvia é através dos padrões ambientais, sociais e de governação (ASG). Mas os ASG oferecem apenas uma solução parcial. É precisamente por esta área estar agora em expansão que ficou concorrida e confusa, levando a reclamações

sobre o "cansaço perante os relatórios de sustentabilidade".

Felizmente, houve alguma consolidação recentemente, com os principais criadores de padrões ASG, como a Global Reporting Initiative e o Sustainability Accounting Standards Board, que anunciaram a intenção de trabalharem juntos. O seu objectivo não é criar um único padrão, mas sim "ajudar as partes interessadas a compreender melhor como é que os padrões podem ser utilizados simultaneamente".

Da mesma forma, no interesse da clareza, comparabilidade e consistência, o Conselho de Negócios Internacionais do Fórum Económico Mundial emitiu recentemente os 'Parâmetros do Capitalismo de Partes Interessadas' que visam acelerar a convergência entre os principais organismos definidores de padrões privados. A União Europeia lancou uma revisão da sua directiva de relatórios não financeiros, que exige que as grandes empresas divulguem informações sobre como operam e gerem os desafios sociais e ambientais.

Tudo isto está bem e é bom. O sector de financiamento dos ASG está a crescer rapidamente e provavelmente continuará a expandir-se, agora que as empresas com reputação de terem práticas éticas e sustentáveis estão a provar ser mais resilientes durante a crise da covid-19. Mas este progresso pode ser prejudicado se os investidores não puderem comparar facilmente os conjuntos de divulgações ASG de diferentes empresas.

O que precisamos, então, é de um conjunto de padrões ASG verdadeiramente globais com parâmetros claros e harmonizados e regras de divulgação. Isto não significa que seja preciso haver apenas um conjunto de padrões. Alguns padrões de relatórios fornecem mais informação do que outros; alguns focar-se-ão em tópicos que são importantes para a criação de valor empresarial; e outros enfatizarão o impacto de uma empresa no mundo que a rodeia. Ainda haveria diferentes abordagens para os



relatórios ASG, mas todas se apoiariam na mesma base.

Além disso, relatórios claros são apenas uma parte do quebra-cabeças. As empresas também precisam de complementar as divulgações de risco baseadas em ASG com parâmetros para avaliar o impacto no ambiente e na sociedade, relatando externalidades negativas e positivas. Dito de outra forma, temos de passar de uma cultura de declarações e intenções definidas para uma de resultados do mundo real, com base em avaliações de impacto.

Medir o impacto mais amplo de uma empresa é o primeiro passo em direcção a uma contabilidade de empresas adequada. Indo além da produção imediata, esses parâmetros concentram-se em resultados mais amplos decorrentes do comportamento de uma empresa. Este tipo de estrutura incentiva os líderes empresariais a integrar os objectivos de impacto nas suas estratégias principais, acelerando assim a mudança do capital para investimentos responsáveis. Também facilita que os governos ajustem as políticas que afectam as actividades corporativas.

A contabilização do impacto é a melhor maneira de criar as condições equitativas que o capitalismo exige. Reconhece formalmente o valor das decisões motivadas por preocupações em matéria de clima e biodiversi-

dade. É responsável por questões de emprego, como igualdade de salários, benefícios, progressão na carreira e saúde e segurança ocupacionais. Incentiva as empresas a promover práticas sustentáveis em todas as cadeias de abastecimento, o que pode gerar retornos, tornando-as mais resistentes a choques repentinos. E, por último, mas não menos importante, os parâmetros de impacto fáceis de entender são a chave para criar confiança com clientes, comunidades locais e todas as outras partes interessadas.

É claro que nem todas as empresas terão um impacto positivo no mundo. Em alguns sectores, as medições de impacto serão consistentemente negativas. O objectivo é traçar uma linha entre as empresas que estejam verdadeiramente comprometidas com a maximização do seu impacto positivo líquido e aquelas que estão apenas a fazer publicidade enganosa, levando as pessoas a acreditar que estão a fazer mais para proteger o ambiente do que aquilo que realmente fazem ('greenwashing'). Se houver mais empresas a oferecer dados de impacto rigorosos, comprovados e transparentes aos investidores que estão a dar resposta às exigências dos clientes por investimentos responsáveis, os fluxos de capital ajustar-se-ão em conformidade, gerando efeitos em cadeia positivos o mais possível.

Uma questão final é se a contabilização do impacto pode funcionar como um complemento da contabilidade financeira. Afinal de contas, as medições de impacto são complexas e parecem apoiar-se em suposições que podem ser facilmente contestadas. No entanto, tal como observou John Maynard Keynes "é melhor estar mais ou menos certo do que precisamente errado". Além disso, não é como se os métodos de contabilidade financeira consagrados de hoje fossem perfeitos. Também estão meramente a estimar realidades económicas subiacentes. Não devemos esquivar-nos de procurar obter o mesmo tipo de aproximação sólida quando se trata de medir o impacto social e ambiental de uma empresa.

Desde que os esforços para medir e monitorizar o impacto começaram com um pequeno conjunto de parâmetros simples desenvolvidos pela OCDE (com base no trabalho da Business for Well-Being Initiative), surgiram estruturas mais avançadas que vão continuar a evoluir e a expandir-se. Com uma contabilidade robusta do impacto de operações directas, cadeias de abastecimento e avaliações ambientais e sociais de bens e serviços em vigor, os governos serão capazes de elaborar políticas para estimular o comportamento responsável e aumentar os custos de externalidades negativas, como as emissões de gases com efeito de estufa.

Os desafios são grandes e os governos e as empresas têm de se unir para incorporar a contabilização do impacto como prática habitual. Um roteiro global poderia abranger questões-chave, como transparência e regras de divulgação, permitindo, por sua vez, um progresso mais rápido em direcção a parâmetros comuns e uma metodologia partilhada que poderia alinhar os interesses de empresas, investidores e governos em torno dos principais desafios do nosso tempo. Uma nova fronteira de empresas responsáveis aguarda-nos.

22 Valor Económico Segunda-Feira 21 de Dezembro 2020

Opiniões

E agora pergunto eu...



Geralda Embaló Directora-Geral Adjunta

stamos a chegar ao fim deste ano caótico e o costume de revisitar os principais acontecimentos a marcar a actualidade impõe-se substituído pelo mesmo exercício, mas desta feita, anual, já que no fim do ano é costumeiro revisitar o que de mais importante se passou, sobretudo para tirarmos as devidas elações. E foi um ano de muitos ensinamentos querido leitor, quer tenhamos aprendido com eles ou não.

Do ponto de vista social o ano 2020 foi um terror autêntico com ensinamentos por via da "perda alargada" muito dolorosos. Fomos sujeitos a confinamentos e distanciamentos a medos de contágio à desconfiança, vimos a normalidade ser-nos arrancada com violência e fomos obrigados a adaptar para sobreviver a condições sociais que só tínhamos visto em filmes, porque as pestes e pandemias da história já andavam muito distantes da memória colectiva. Em a peste o filosofo Albert Camus descreve vividamente todas as ansiedades de uma pandemia como a que vivemos: "impacientes do presente, inimigos do passado e privados do futuro, parecíamo-nos assim bastante com aqueles que a justiça ou o ódio humano fazem viver atrás das grades". Porque ao contrário do que o que acontece no livro, a pandemia que vivemos é mundial, estamos todos no mesmo mar tempestuoso embora com embarcações muito variadas, o que levou a que para muitos fosse muito pior.

Para além das que o covid levou, perderam-se muitas vidas. Perderam-se pilares da nossa estrutura identitária com ainda muito para dar como Valdemar Bastos, perderam-se promessas políticas insubstituíveis como Luther Rescova, perderam-se médicos e jovens às NOVO CORONAVIRUS

Personalidade

CAETANO CAPITAO

"As políticas têm estado

a gerar instabilidade"

Piga 11-13

Bill 14/19 de imm moder 15/21

Bill 14/19 d

Covid-19, o jornal VALOR ECONÓMICO escolheu o coronavírus como personalidade do ano, numa iniciativa justificada no editorial

mãos do covid e às mãos da polícia ao serviço das regras para prevenção do mesmo covid.

Tivemos o início das convulsões sociais que a intervenção do FMI nos países com maiores assimetrias sociais gera quase sempre, e não vimos resultado positivo das politicas estruturantes do governo quer porque não houve tempo, quer porque o covid mudou a conjuntura mundial, quer porque muitas dessas politicas são mal pensadas e não têm prioridades alinhadas. Exemplos? Na semana que passou o executivo baixou os impostos das bebidas e anunciou a compra de carros para transporte de insumos agrícolas. A primeira iniciativa leva a perguntar se baixar os preços das bebidas é prioritário e a segunda se esses veículos vão andar em estradas diferentes das que derretem os investimentos em transportação que tanto o Estado como os privados têm feito ou se daqui a seis meses as novas compras farão parque gigante de ferro velho que o país coleciona graças às estradas deterioradas que têm. Enquanto isso, continua a servir de comprovativo de falta de prioridades ajustadas a liderança (ou perto disso) da mortalidade infantil a nível mundial

A nível puramente económico o cenário não foi diferente com o absoluto descalabro das contas nacionais quer causado pela conjuntura mundial quer pelas políticas mais destrutivas do que construtivas e o resultado foi o empobrecimento generalizado dos angolanos com o aumento da faixa mais pobre e mais vulnerável que se traduz no aumento de gente a alimentar se dos caixotes do lixo e a pedir nas ruas e na mortalidade infantil por desnutrição. Não canso repetir porque essa devia ser a prioridade máxima, em vez de estarmos obtusamente a gastar fortunas a pintar uma Angola rica e viável lá para fora com o argumento da atracção de investimento sem vestígio de resultados. Há lições que teimamos em não aprender com o passado.

Se há coisa que este 2020 nos ensinou é a fazermos nós angola-

nos por Angola, em vez de ficarmos à espera de ser salvos pelo investimento estrangeiro. A situação da pandemia fez todos os países virarem-se para si mesmos e nós temos um país com tanto para dar, que ficar à espera da salvação da mão dos outros é quase merecer a miséria que recebemos.

A taxa de câmbio flutuante que vinha no pacote das medidas do FMI introduziu o caos na gestão financeira e o projecto traineira do governo, o PIIM, derrapou com muitos empreiteiros a queixarem-se do dinheiro perder valor e poder de compra todos os dias o que combinado com os atrasos de pagamentos faz com que muitos queiram abandonar as obras. Se isto aconteceu com um programa do governo certamente as agruras dos privados só foram piores. O petróleo quedou porque o mundo parou. As nossas reservas tombaram para níveis que puseram em causa o pagamento da dívida soberana, o dólar desapareceu de vez e a inflação fez escassear o pão nas mesas das famílias e a fome, que o partido no poder há quase meio século se envergonha de admitir, tornou-se todos os dias mais evidente. Isto enquanto o governo fazia coisas alheias como inaugurar hotéis de luxo (que nacionalizou de forma bizarra sem passar pelos tribunais) numa altura em que não há turistas em lado nenhum. A lembrar aquela banda que continuava a tocar obstinadamente enquanto o Titanic se afundava...

A política nacional continuou a deixar a desejar com a oposição a não estar suficientemente coesa para ser de facto se livrar do passivo do passado e se tornar alternativa viável, e com o partido no poder a continuar a focar-se em lutas intestinas, intrigas, distrações, manipulações e perseguições infantis, enquanto a economia e as condições sociais, qual barco furado, se vai afundando cada vez mais depressa...

É de facto um prazer especial despedirmo-nos deste 2020 macabro e ver renovada a esperança num 2021 melhor para todos e a todos os níveis. Nesta quadra natalícia exorcizada dos hábitos dos cabazes e privada das festas o melhor a fazer é agradecer pelas bênçãos que ainda temos, a família, a saúde, a própria vida que tantos perderam, e recarregar baterias, arregaçar as mangas para trabalhar e melhorar as perspectivas no próximo ano. 2021 há de ser melhor querido leitor, e marcamos encontro aqui, no Valor Económico e na Rádio Essencial.



Jornal Valor Económico

Visite o site www.valoreconomico.co.ao

Regista-te







GEM Angola Global Media, Lda

Iban: 0051 0000 7172 9933 1512 7

Conflito na Unitel à espera de mais uma decisão do Tribunal Arbitral MA éfice nou regardos au movimentação de tomana no d

Edição 239 Partilhas 39 Likes 392

A edição 239 do Valor Económico alcancou cerca de 56 mil internautas e a capa registou mais de 4 mil interacções entre partilhas, reacções e comentários. Na página do Facebook do Valor Económico os internautas comentaram as acusações feitas a Carlos Sumbula, o conflito na Unitel que aguarda mais uma decisão do tribunal e o alerta de juristas sobre os erros nos confiscos e nacionalizações.

> Os comentários são selecionados segundo critérios que visam reflectir a diversidade e qualidade de opiniões sobre os temas do Valor Económico. Gralhas e discussões pessoalizadas são editadas para publicação.

> > Leia na íntegra em www.valoreconomico.co.ao

Facebook/Comentários



Alexandra Simeão

A ser verdade estes tipos são um caso de estudo pois desafiam até à exaustão.



João Rebelo Baptista

Assim houve está denúncia. Ok. E agora o que e que vai acontecer ? Nada como sempre



Arlesio Kakunda

Mas ele falou na reportagem do Banquete. Afinal estava sentado à mesa.



Silvio Sumb

Não há nenhum inocente no MPLA, até o próprio presidente está metido em corrupção!



Luis Vilhena de Sousa

Como e que ele se tornou um milionário? Tambem deve ser como o seu colega Rabelais que nunca recebeu vencimento e tonga um patrimônio de pelo menos 30 casas? E em Portugal?



Isaar Cost

E o processo crime já corre os trâmites legais ou é só p'ra inglês ver?? Ele falou a tempo no caso banquete.



Damacera Munginga Damacera

Tem muito PCA em Angola Sonils



Isaac Costa

O Sr Carlos Sumbula é só mais um da organização.



Santos Ngola Muculo

Grande novidade...



Dino De Faria

O teatro governamental não para?



Teofilo Chimano Manchora

Nenhum gestor em Angola é limpo.

Tem de parar no tribunal pra lhe servirem o banquete bem quentinho!!



Adilson Diassonama da Costa

ELE QUE TESTEMUNHOU NO BANQUETE DA TPA1 OS NEGÓCIOS DE DIAMANTES DA ISABEL? AGORA TEM DE SER A VEZ DELE COMPARECER NO BANQUETE... CABINGANOOO....



Alfredo Fernando Muhepe Maiato Muhepe

Vem ainda nos explicar onde levaste tantos projectos traçados pelo teu antecessor para a província da Lunda Norte. Tem de sentar também no banco dos réus...



Jorge da Cruz

São Burladores esses da Oi/PT toda sociedade deve dar direito de preferência aos sócios na venda de ações nunca priorizar pessoas fora da sociedade! Ora foi isso q a PT fez ao vender aos Zucas a parte deles na Unitel



Divaldo Cruz

Vão estragar a Unitel!



Evaristo Nyango

Ai está a não separação das águas



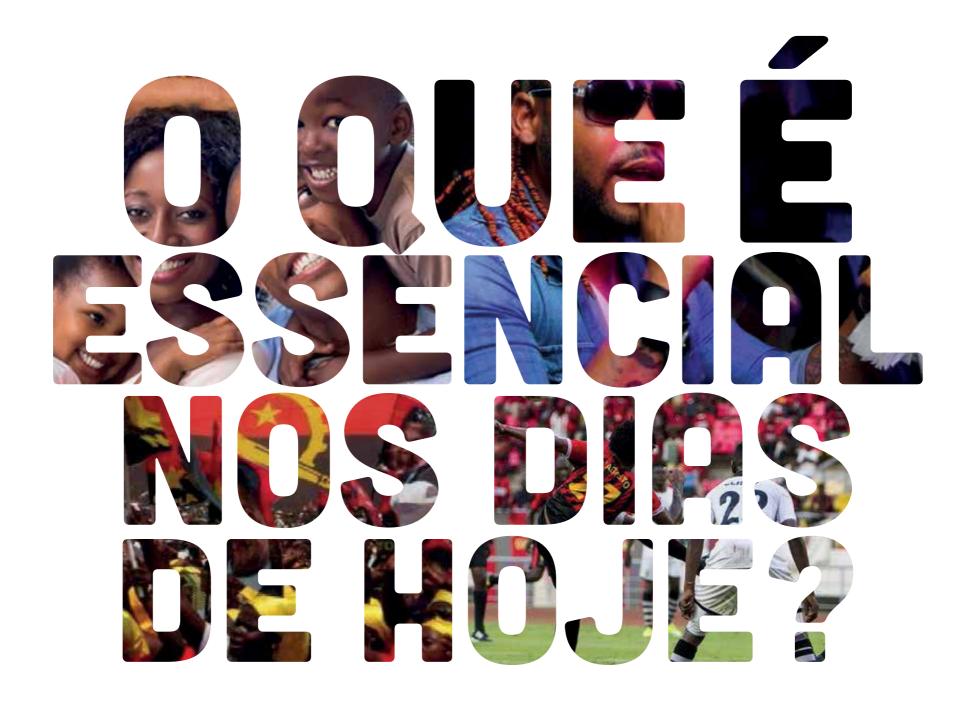
Osvaldo da Piedade

Nossos especialistas gostam de falar besteiras (tens como justificar como um bando , bando sim de desgraçados da noite pro dia se tomam milionários). Acordem e tentem não ser + papista que o papa (são dinheiros da Sonangol não estão a falar de roubos nos bancos comerciais estão a falar de BPC e Sonangol bem como BNA



Helder Cruz

Só falta saber o que os donos disto tudo na altura não fizeram, para se enriquecerem a eles e os mais próximos em detrimento de todo um Povo



96.1 fm



26 Valor Económico Segunda-Feira 21 de Dezembro 2020

Marcas & Estilos



Mais vida

A Lyfe é um revolucionário vaso giratório que flutua no ar, usando levitação magnética. Projectada na Suécia com a tecnologia mais recente, a peça apresenta uma base sólida embutida com uma bobina electromagnética. À medida que gira, pode seguir o sol, expondo a planta a mais luz a cada dia.



Boa aparência

A Baobab é a primeira Polo Smart Luxury do mundo. Apresenta-se como uma combinação perfeita de qualidade, design e função para os homens exigentes e que precisa de ter uma boa aparência.



AUTOMÓVEL

Tudo só não basta

Como é característica da marca, este Ferrari é construído com muito requinte, condizente com a óptima montagem. O problema é que a baixa altura em relação ao solo, as rodas grandes e a suspensão podem complicar em algumas ruas e avenidas angolanas.

A potência do FF – 6.3 V12 – e o desempenho são dignos de um super-desportivo, aliado ao maior controlo que a tracção integral confere nos mais diferentes pisos. A velocidade máxima declarada é de 335 km/h. O custo/benefício é um termo que não se aplica aqui, com cifras que superam 1 milhão de dólares. Não há do que reclamar com relação a equipamentos de segurança e conforto, mas a manutenção é restrita e com custo elevado.

AGENDA

LUANDA

24 DE DEZEMBRO

Concerto de Natal no Zap Viva com alguns artistas destacados do mercado musical. A partir das 21 horas.

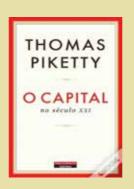
ATÉ 24 DE DEZEMBRO

Exposição 'Percurso da Pintura Angolana - Visita ao Acervo do Camões', no Centro Cultural Português. A mostra pode ser visitada entre às 9 e 12 horas e às 13 e 15 horas. As visitas, limitadas a um máximo de cinco pessoas por hora, devem ser previamente agendadas. Enviando e-mail para icamoes. ccluanda@gmail.com.

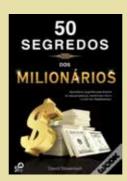
30 DE DEZEMBRO

Especial 'Quarta da Amizade' com o músico Kyaku Kyadaff, no restaurante Longa Liami, a partir das 18 horas. Para reservas ligue 923 630 413 ou 923 666 198.

LIVROS



QUAIS SÃO AS GRANDES dinâmicas que regem a acumulação e a distribuição de capital? As questõe sobre a evolução da desigualdade a longo prazo, a concentração da riqueza e as perspectivas de crescimento económico estão no cerne da economia política.



PORQUE É QUE ALGUMAS pessoas conseguem aumentar as poupanças, tomar decisões de investimento inteligentes e elaborar planos financeiros prudentes enquanto as restantes se esforçam por evitar que o dinheiro se lhes escape por entre os dedos? Porque conhecem os segredos dos milionários.



TURISMO

Caminho de Santiago

Santiago da Compostela é um dos lugares mais mágicos e cheios de encanto de Espanha. É, desde os anos 1980, a capital da Galiza, onde está a sede da Xunta da Galiza e do Parlamento

Na cidade encontra-se um dos mais importantes e famosos centros de peregrinação cristã, o Caminho de Santiago, reconhecido como Património da Humanidade pela UNESCO, em 1995. O Caminho de Santiago é uma das mais antigas rotas de romaria.

Tudo aqui gira em torno da mítica Praça do Obradoiro, verdadeira clareira entre duas ruelas onde se concentram as três principais construções: a Catedral de Santiago, o Palácio do Ayuntamento e o antigo Hospital de Los Reyes Católicos.

Quem passa por Santiago de Compostela não pode deixar de experimentar a famosa Torta de Santiago. Feita de nozes, o doce é vendido em diversos lugares. Há também algumas bebidas típicas, em especial licores.

Ambiente

PREVISTA ESTRATÉGIA NACIONAL PARA AS ALTERAÇÕES CLIMÁTICAS 2020–2035

Governo admite que o país está vulnerável aos efeitos negativos das alterações climáticas

SUSTENTABILIDADE. MCTA assume que potenciais efeitos nefastos das alterações climáticas impõem a necessidade de ajustar o modelo de desenvolvimento, tornando-o resiliente aos efeitos que, de forma colectiva, já não podem ser evitados.

ngola é vulnerável aos
efeitos negativos das
alterações
climáticas
e há a tendência de o clima se agravar e
intensificar, com o surgimento
de cheias, secas, erosão dos solos
e aumento dos níveis das águas
do mar.

De acordo com a secretária de Estado para o Ambiente, Paula Francisco Coelho, a par destas alterações climáticas, existe também uma potencial probabilidade de afectar directamente o sector da agricultura, sendo essencial para o desenvolvimento do país, uma vez que as precipitações e a temperatura tendem a afectar as propriedades do solo e disponibilidade de água.

Durante a IV edição da mesa-redonda sobre o Clima-2020, realizada na passada semana, a dirigente revelou que o Executivo pretende aprovar uma Estratégia Nacional para as Alterações Climáticas 2020 – 2035, como instrumento político nacional para orientar a acção climática a nível nacional a longo prazo.

"Entre outras prioridades, constam no documento a adopção de tecnologias compatíveis com os objectivos do Acordo de Paris, alinhada com os consensos internacionais sobre o desenvolvimento sustentável, incluindo a Agenda África 2063 e os Objectivos de Desenvolvimento Sustentável."

A implementação da Estratégia Nacional de Alterações Climáticas é, neste sentido, uma das prioridades do Plano Nacional de Desenvolvimento e define, como visão estratégica, uma Angola adaptada aos impactos das alterações climáticas e com um desenvolvimento de baixo carbono que contribua igualmente para a erradicação da pobreza.

"Os potenciais efeitos nefastos das alterações climáticas impõe--nos a necessidade de ajustar o nosso modelo de desenvolvimento, tornando-o resiliente aos efeitos que, colectivamente, já não podemos evitar", referiu.

Por seu lado, a embaixadora do Reino Unido em Angola, Jéssica Hand, que participou do encontro por videoconferência, disse estar ansiosa por colaborar com o Governo angolano no apoio aos esforços para "desenvolver políticas limpas e sustentáveis".

MEMORIZE

Angola ratificou a Convenção Quadro das Nações Unidas sobre as Alterações Climáticas (CQNUAC), em Maio de 2000, o Protocolo de Quioto, em Março de 2007, e, recentemente, a Emenda de Doha ao Protocolo de Quioto em Julho, e o Acordo sobre as Alterações Climáticas, em Novembro passado.

"Particularmente, para reduzir emissões e gerir melhor a gestão de resíduos, a redução do uso de plásticos, entre outros", afirmou.

A mesa-redonda sobre o clima, uma organização do Ministério da Cultura, Turismo e Ambiente (MCTA), em colaboração com a Embaixada Britânica e as Nações Unidas, teve como objectivo estabelecer uma plataforma de diálogo com os parceiros do Governo sobre as oportunidades de cooperação e colaboração em matéria de acção climática, assim como promover a troca de experiências e infra--estruturas, a segurança alimentar e energéticas do país e a saúde pública.



Paula Francisco Coelho, secretária de Estado para o Ambiente

NÚMEROS DA SEMANA

Mil reclamações de dívidas provenientes de vários órgãos do Estado que estão a ser certificadas pelo . Ministério das Finanças.

Empresas organizadoras de leilões de licitações de diamantes apresentaram propostas à Sodiam, para realizar servicos na futura bolsa de diamantes de Angola.

Milhões de dólares é o que o empresário Pedro Godinho estima que Angola esteia a perder diariamente por fazer parte da OPEP.

profissionais no âmbito do Pape, que o Governo prevê financiar.

ACORDO

Isenção de vistos com santomenses

Angola e São Tomé e Príncipe assinaram, nesta segunda-feira, em Luanda, um acordo de cooperação para a isenção de vistos. O acordo abrange passaportes diplomáticos, de serviço e ordinários, e foi rubricado no âmbito da visita a Luanda de Edite Ramos da Costa, ministra dos Negócios Estrangeiros, Cooperação e Comunidade de São Tomé e Príncipe. Em comunicado, o Ministério das Relações Exteriores indica que o programa da visita visou, para além da assinatura do acordo de isenção de vistos, outras actividades. Ambos os países mantêm relações diplomáticas, de cooperação e de amizade há mais de 40 anos.





COM ÚNICO VOO SEMANAL

TAAG retoma ligações entre Lisboa e Maputo

TAAG retomou os voos entre Lisboa e Maputo, via Luanda, com uma ligação por semana em aviões B777-300 entre Portugal e

Angola e B737 entre as capi-

tais angolana e moçambicana.

A informação foi avançada pelo PressTUR, que cita fonte companhia, esclarecendo que os voos partem de Lisboa às quartas-feiras às 23h para chegar a Luanda às 7h30 do dia seguinte, de onde partem às 9 horas para chegar a Maputo às 14h (horas locais).

Os voos entre Lisboa e Luanda são operados em aviões com oito lugares em primeira classe, 53 em executiva e 228 lugares em económica. As ligações entre Luanda e Maputo são operadas em aeronaves com 12 lugares em Executiva e 108 lugares em Económica.

Estado fora do capital social da Mota Engil e da Sonangalp

CONFERÊNCIA REÚNE OPERADORES O Governo colocou à disposição 20% das acções que o Estado detém na empresa portuguesa de construção civil Mota Engil Angola, S.A e os 51% que detém na Sonangalp, através da Sonangol Holdings.

O Presidente da República, em decreto, justifica a privatização do capital social com a reforma levada a cabo nas finanças públicas.

"Tendo em vista a promoção da estabilidade macro-económica, o aumento da produtividade da economia nacional e o alcance de uma distribuição mais equitativa do rendimento nacional", salienta.

João Lourenço delegou à ministra das Finanças, Vera Daves, a responsabilidade de atestar a legalidade de todos os actos subsequentes, bem como a contratação de serviços de intermediação financeira.

